

- Novela de ERICO CRAMER -

552 CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quinquagésimo quarto capítulo desta novela, deixamos Beto e Márcia, no jardim da casa desta, à noite, como sempre, em mais um dos seus furtivos encontros e aos quais a moça comparecia, sempre a contragosto, no receio de excitar a raiva de Beto e provocar uma vingança na pessoa de seu irmão Nadinho, a quem ela estava querendo salvar além de seu namorado Fernando. E o capítulo foi suspenso mais ou menos a esta altura do diálogo entre eles:

10.11
20.11

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME.

BETO - Eu estava ansioso que chegasse a hora de encontrá-la. O relógio parecia que não andava. Você sabe o que é isto aqui?

MÁRCIA - Como posso saber? Si eu tivesse o privilégio de adivinhar...

BETO - É a carta que você me pediu, absolvendo Fernando.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

MÁRCIA - Conseguiu? Deixe-me vê-la.

C/REGRA - ABRIR ENVELOPE, TIRAR PAPEL DE CARTA E ABRIR.

BETO - Está bem como você pediu, ó. (LENDO MEIO CORRIDO) Declaro, pelo presente atestado que Fernando Dambrósi, acadêmico de engenharia, (APURANDO) morador à rua tal, número tal, foi atraído ingenuamente ao nosso aparelho, explorado por nós sob ameaça, etc. etc., tendo participado da operação do Banco Industrial sob coação e ameaça de morte, não passando, portanto, de um inocente útil que está sendo indevidamente castigado. Porto Alegre, etc, etc. Ag sinado Bazílio Fancara, chefe de região do M.L.P.A. (PAUSA E TOM) Conferiu bem? Está satisfeita?

C/REGRA - RUIDO DE DOBRAR PAPEL E GUARDAR NO ENVELOPE.

BETO - Ai está para você fazer o uso que entender.

MÁRCIA - E como posso saber que esta assinatura é realmente a do Chefe de vocês?

BETO - Você vai poder ter certeza disto pela polícia, que já apreendeu

diversos documentos assinados por êle. E depois tem o carimbo aqui, da organização. Não sei se você reparou. Só há uma coisa que é preciso que você guarde absoluto sigilo.

MÁRCIA - Já sei. Que tenha sido você quem me deu esta carta. E como poderei justificar a posse desse documento?

BETO - Deixe pensar numa desculpa plausível.... Que êle foi surpreendido dentro da casa de vocês... (TOM) Não, não dá, não dá. Vão perguntar porque a polícia não foi avisada. Deixe pensar noutra coisa... Ah, já sei. Que um membro qualquer da organização, que você não conhece e nunca viu antes, veio lhe oferecer esta prova por uma determinada quantia. Digamos... duzentos cruzeiros e você aceitou a proposta. Se lhe perguntarem como era o sujeito, eu lhe dou os traços de um companheiro que já foi justificado por nós mesmos e que êles conhecem e não sabem que está morto. Garanto como vai pegar direitinho a desculpa.

MÁRCIA - Então será bom que você me diga, direitinho, como era êle.

BETO - Louro, alto, narinas dilatadas, barba rala, suíças compridas e os dentes da frente bastante separados. Você dando êsses dados, êles logo vão identificar o Polona - como nós chamavamos - porque o nome da mãe dele era polonez. E vão procurar o Polona por toda a parte sem saber que êle descansa, há mais de dois meses, em baixo de uma laje de cimento de um antigo aljibe de uma casa lá perto da pedreira.

MÁRCIA - (PROCURANDO GRAVAR) Louro... alto... narinas dilatadas... barba rala... suíças compridas... e que mais?

BETO - E os dentes da frente bastante separados.

MÁRCIA - (REPETINDO) E os dentes da frente bastante separados. Acho que já decorei bem.

BETO - Muito bem. Então agora você quer fazer o favor de marcar a data do nosso casamento?

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

MÁRCIA - Tem que ser hoje?

BETO - Foi o que você prometeu. Ou não foi?

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA) (DESÂNIMO) Foi.

BETO - (DEPOIS DE PAUSA) Escolha uma data, então.

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA) Dia... dia seis.

BETO - Dia seis foi ontem.

MÁRCIA - E que tem isso? O mês que vem não tem também dia seis?

BETO - Tem. Mas a questão é que eu vou ter que esperar um mês, ainda.

MÁRCIA - Passa tão depressa. Quando a gente menos pensa, ele já passou.

BETO - Não sei, não. Eu quando desejo muito uma coisa, parece-me que as horas não andam e os dias não passam. Um minuto tem a duração de um século. A sua resolução foi definitiva? Não dá para antecipar?

MÁRCIA - Não dá. Foi uma inspiração momentânea e de dizer o número seis e eu acho que devo ter tido alguma razão mais forte, embora não chegue a atinar qual seja. Foi um palpite, digamos e eu não quero transferir e depois me arrepender. Deixe o dia seis, por favor, sim Beto?

BETO - (MEIO CHATEADO) Você sabe que eu concordo sempre. Não sei, até hoje, o que aconteceu comigo que me deixei dominar inteiramente por você. Eu que era um homem que nem o chefe, nunca, conseguiu me dobrar. Você acredita em feitiço?

MÁRCIA - Por que? Você está querendo insinuar que em mandei fazer feitiço para você gostar de mim?

BETO - Não. Que você tenha mandado fazer, não; mas que você me enfeitiçou, disso eu não tenho a menor dúvida. Eu mesmo me analiso e não me reconheço.

MÁRCIA - A vida tem coisas sem explicação. Muitas coisas, Beto. Muitas coisas mesmo. O melhor é aceitá-las sem procurar desvendar-lhes os mistérios, senão acabamos não achando a solução e entontecendo de tanto e tanto pensar. Bem e agora, se você me der licença...

BETO - O que?! Você já está pretendendo despedir-me? Conversamos tão pouco, Márcia. Por que tamanha pressa? Você tem ainda alguma coisa a fazer hoje?

MÁRCIA - Não, mas estou tão cansada que você nem poderá imaginar quanto. É por isso que desejo recolher-me mais cedo. Para me deitar e descansar da agitação do dia de hoje.

BETO - Agitação por que? Você teve alguma coisa ~~de~~ extraordinária?

MÁRCIA - Não, não, mas de qualquer forma foi um dia de muito trabalho para mim. Heloisa está preparando seu enxoval e eu tenho procurado ajudá-la, entende?

BETO - Quando será o casamento de Heloisa? Já tem data marcada?

MÁRCIA - Não sei, mas acredito que não será assim tão para breve. Talvez, ainda daqui a três ou quatro meses.

BETO - Casaremos primeiro, então. Você quer mesmo ir se deitar? Não me permite ficar nem mais dez minutos?

MÁRCIA - Eu preferia que você não insistisse, Beto. Quando estou cansada, assim como hoje, não atino nem mesmo a conversar direito. Fico estonteada... não sei bem o que digo... Acabo ficando constrangida com as pessoas e o melhor é mesmo me recolher.

BETO - Está bem, vá então. Quer dizer que fica acertado, então, o dia seis?

MÁRCIA - Sim. Dia seis terminará a sua agonia e quem sabe talvez comece...

BETO - (DEPOIS DE PAUSA) Comece o que? Por que não completa seu pensamento?

MÁRCIA - Porque... porque já nem me lembro o que era que eu ia dizer. Mas não era nada de importância, posso lhe assegurar. Dê licença, então? Eu vou descansar. Boa noite.

BETO - Até a próxima quinta. Descanse bem e durma melhor.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Pois meu filho, a sua mãe me convenceu de que você fez uma boa escolha para casar-se. E falou com tanta convicção que eu passei a não ter mais dúvidas a respeito.

NADINHO - A Diana é realmente uma garota bacana, sabe pai? O diabo é que ela ainda não resolveu se me aceita ou não. Pediu que eu desse tempo no tempo, para não haver precipitações.

HERMES - Muito bem pensado, meu filho. Muito bem pensado. Ela, naturalmente, quer ter a certeza de que gosta também de você; não é isto? Já mostra bom senso e equilíbrio na maneira de pensar.

NADINHO - Ela quer que eu estude, nesse meio tempo, e estivemos ~~matrícula~~ conversando sobre a carreira que mais me serviria. Afinal opinamos pela odontologia por não ser tão demorada como as outras. O que é que o senhor acha?

HERMES - Eu que lhe pergunto o que é que você acha. Você gosta da odontologia?

NADINHO - Acho que vou gostar, papai, não sei. Nunca tinha pensado em estudar, antes, de forma que também nunca me detive nesta ou naquela carreira. E agora estou querendo uma em que a gente não leve tantos anos para se formar.

HERMES - Si eu já não tivesse me convencido com a defesa que sua mãe fez da garôta, agora, pelo que você está me dizendo, ela já teria me conquistado. Só esse fato de convencer você a estudar, vale tudo. Você deve estar lembrado quantas vezes eu me aborreí com você por causa dos seus estudos. Eu lhe dizia: "meu filho, os que não sabem trabalham para os que sabem. Não queira trabalhar para os outros, prepare-se para trabalhar para você mesmo". Lembra-se disto?

NADINHO - Lembro-me sim. E lembro-me, até, que ficava irritado com a sua insistência e lhe respondia com quatro pedras na mão.

HERMES - Agora Diana disse para você o mesmo que eu lhe dizia e você atendeu. Melhor assim. Sinal que já começa a olhar a vida por um outro prisma e isto é muito importante, principalmente em se tratando de um jovem.

NADINHO - Mas antes de tudo, combinamos esperar o que a polícia resolve sobre mim. Si me considere culpado, sou inocente. Só depois de livrar-me definitivamente dessa entalada, ~~então~~ ^{é que} sairei para outro, entende?

HERMES - Eu não vejo em que uma coisa possa atrapalhar a outra. Afinal você passa os dias inteiros lendo, que custa trocar a leitura pelo estudo?

NADINHO - Papai, para assimilar o que se estuda, é necessário que a gente esteja com a cabeça limpa de preocupações, sinão as coisas entram mas não ficam. Quasi que na mesma hora a gente esquece. Por isso deliberamos esperar um pouco. O senhor acha que ele ainda poderão demorar muito para chegar a uma conclusão final?

HERMES - Não sei, meu filho, mas foi bom falarmos no assunto porque amanhã eu vou telefonar ao delegado e pedir-lhe que trate de apurar a solução do caso e estou certo de que ele não vai deixar de me

atender. Vou mesmo dizer-lhe que precisamos viajar e estamos esperando apenas a sua liberação.

NADINHO - Isso mesmo, papai, apure com o caso. Eu já estou ansioso para poder organizar a minha vida.

HERMES - E eu ansioso para vê-lo formado, meu filho. Você não sabe a alegria que me vai dar, no dia em que receber o seu diploma. Não importa qual ele seja. Para mim ele terá uma significação extraordinária. Sua mãe já sabe dessa resolução?

NADINHO - Não. Ninguém sabe. Eu quis falar primeiro ao senhor para ouvir o que o senhor pensava a respeito.

HERMES - Você vai ter tudo de mim, meu filho, tudo. Quero poder compensar-lhe o tempo em que o deixei ao abandono de sua própria sorte, sem cumprir com o meu sagrado dever de pai.

NADINHO - Óra, papai, vai recomeçar a falar nesse assunto? Por favor não faça isso, peço-lhe. A única pessoa culpada de tudo que me aconteceu fui eu mesmo. Não posso e não devo acusar ninguém.

HERMES - Pode sim. Você só não o faz porque é um rapaz de nobres sentimentos. Às vezes eu chego a perguntar a mim mesmo, como foi que você pôde se juntar a gente tão destituída dos mais primários sentimentos de humanidade?

NADINHO - Mercêdas, papai. Mercêdas. Todos nós erramos pelo menos uma vez na vida. Foi o que me aconteceu. Só que o meu erro quase que me perde de uma vez.

HERMES - É verdade. Se você conseguir sair ileso desta prova de fogo, terá que agradecer diariamente a Deus, até ao fim de sua vida. Bem, meu filho, a nossa conversa está muito boa, mas eu já estou na hora de voltar para o Banco.

NADINHO - Não se esqueça de me trazer as revistas, quando vier. Ontem terminei a última das três que o senhor me trouxe e hoje à noite devo terminar o Retrato de Dorian Grey, de Oscar Wilde.

HERMES - Eu lhe trarei na lote novo hoje à tarde, quando vier. E se quiser algum livro, peça-me.

NADINHO - Obrigado, papai. Se vierem as revistas, não haverá necessidade de outro livro por ora.

HERMES - As revistas vão vir, sim, meu filho. Até logo, então. Estou atrezado e ainda tenho que ir ao quarto de sua mãe para me despedir.

NADINHO - Até logo, papai, vá com Deus.

HERMES - Meu filho, que satisfação ouvir você dizer isto. Fique você também com Deus.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

REGINALDO - A única pessoa que está em casa é o Nadinho. A senhora quer falar com ele, eu vou chamá-lo num momento. Ele está no quarto.

DINAH - Não, não, Reginaldo, obrigada. O assunto que me traz aqui o Nadinho não resolve. É que a Igreja ganhou alguns objetos de valor de um paroquiano que está desfazendo a casa para ir morar com a filha e então o Padre Augusto está interessado em vendê-los porque são objetos muito bonitos, mas que para a Igreja não servem, entende? Eu me lembrei que talvez Eugênia tivesse interesse de vê-los para não acontecer como da outra vez com aquela manta de pãlles que ela ficou aborrecida por eu não ter avisado nada.

REGINALDO - Eu me lembro que ela ficou aborrecida sim, dona Dinah. Disse que era uma manta belíssima e que foi vendida por menos da metade do valor real.

DINAH - Pois é, mas quando é que eu poderia imaginar que naquele tempo que Eugênia esteve no auge das elegâncias, figurando em todas as colunas sociais, ela poderia se interessar por uma manta de segunda mão? Era capaz, até de ficar aborrecida comigo por vir oferecê-la. Era ou não era Reginaldo? Diga com franqueza.

REGINALDO - Não sei, dona Dinah. A gente nunca pode prever as reações das pessoas; elas dependem muito do estado de espírito de cada um, no momento azado.

DINAH - Não, não, você não quer dizer, mas sabe que eu estou com a razão. Bem, Reginaldo, mas eu estou roubando o seu tempo e você, naturalmente, deve ter muito que fazer. Faça-me um favor: diga para ela que eu estive aqui e que si ela se interessar pelos objetos e quiser vê-los, que me telefone. Diga que tem uma ânfora de Sévre e dois vasos de Gile que são uns primores.

REGINALDO - Está bem, sim senhora, eu aviso a ela.

OPERADOR - CORTINA USUAL

BETO - (PROJETANDO) Doquinha, oh Doquinha, onde é que tu estás?

DOQUINHA - (DE LONGE, GRITANDO) Não posso agora, seu Beto, tô ocupada.

BETO - (PROJETANDO) Termina isso logo e vem cá que eu quero falar com tigo. (TOM) Tu quero vê se amanhã já vó visita a garota de ba ca nova. Vou largá essas roupa de vagabundo e começá a me vestir como gente. Ela vai ficá de beico pendurado quando eu apara cê de calça verde e casaco cor de café, déguas de verniz molha do e tal e coisa... (TOM) Fomba, mas essa negrinha que não vem. (PROJETANDO) Doquinha, oh Doquinha, anda duas vez, diabo.

DOQUINHA - (DE LONGE, GRITANDO) Diabo é a vovósinha, tá? Já vó. Tô lava do as mão. Ou tu qué que eu vá com elas ruja?

BETO - Essa negrinha tá cada vez mais melcriada e o chefe me prometendo dá o tombo nela e não dá. Não sei o que é que tá acontecendo. Também, como eu qualquer dia vou cumi da praça, tanto faiz que ele saia como fique.

C/REGRA - PASSOS LIGEIROS DE DOQUINHA, ARRASTANDO CHINELOS.

DOQUINHA - (CHEGANDO) Pronto, tô aqui. Discurpe si eu dimorei, mas eu num pu die mandá ninguém fazê o que eu tava fazendo, porque num tinha nin guem pra cuidá o leite no fogo e eu num ia deixá êle dirr, mas que o leite tá muito caro. Que é que o sinhô qué?

BETO - O alfaiate não mandou avisá si é pra eu i prová as roupa?

DOQUINHA - Cunigo num falou. Num veio ninguém aqui.

BETO - Pux, se aquele cara me faltá vai sê uma droga.

DOQUINHA - O sinhô mandou fazê roupa nova, é seu Beto?

BETO - Roupa, não. Roupas. Mandei fazê sei roupa cada qual mais bacana do que a outra. Tu vai vê só que pintas.

DOQUINHA - Hum... pelo que eu vejo o casório tá se aproximando, num tá? Quando é, seu Beto? Conta pra gente, conta.

BETO - Conta, nada. Tu não tem nada que sê bisbilhoteira. O negócio vai se feito no sigilo, morou?

DOQUINHA - Adonde é isso que eu num sei?

BETO - Vai sê ignorante, vai. Olha eu vou arda, se o alfaiate aparecê

por aí, toma nota direitinho do racado que lá pelas tres, quatro horas eu tô dando as cara por aqui, morou?

DOQUINHA - Tá bem. E depois eu vô te dizê quem é inguinorante, tá?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Este foi o lençol que a mãe comprou para você?

MÁRCIA - Esse é o terceiro. Ela já me deu outros dois lindíssimos.

HELOISA - Eu ganhei igual, sabe? Só que o seu é em rosa e o meu em azul.

MÁRCIA - Dona Eugênia parece que está com pressa de nos ver casados, não?

HELOISA - Si ela soubesse que eu não tenho a menor pressa...

MÁRCIA - Eu menos, ainda. Pelo contrário, quanto mais demorar melhor para mim.

HELOISA - Meu noivo, agora, já se resignou a esperar.

MÁRCIA - Por que você está protelando, Heloisa? Desculpe, eu nunca lhe perguntei, mas agora vou perguntar. Não foi ele o homem que você amou? Não foi com ele que você desejou casar?

HELOISA - Foi, mas ele me enganou e me causou uma tremenda decepção. E em quanto eu me lembrar dela, não quero casar. (1) Sabe o que eu me lembrei, por falar neste assunto? Que nós poderíamos casar no mesmo dia. O que é que você acha?

MÁRCIA - Não sei. Por enquanto eu não quero nem falar nesse assunto. Mais tarde pode ser.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Dona Dinah esteve aí, oferecendo uns objetos que a igreja ganhou, que são muito bonitos e muito valiosos e que o Padre vai vender porque não servem para lá.

EUGÊNIA - A Dinah sempre às voltas com essas coisas. Não disse que objetos são?

REGINALDO - Ela falou em ânfora de Sévre, ~~numerosos~~ vasos de Galé e outras coisas mais. Disse que se a senhora quiser vê-los que telefone no ~~numerosos~~ que aí ele guarda até a senhora decidir. Será bom que a senhora deixe uma resposta comigo porque si ele telefonar ou voltar por aqui eu já sei o que dizer.

EUGÊNIA - Por óra, para dizer a verdade, eu não estou interessada em nada

dessas coisas. Tenho coisas muito mais sérias em que pensar.

REGINALDO - Então eu vou telefonar a ela e dizer que a senhora não está interessada; assim evito que ela volte aqui.

EUGÊNIA - Reginaldo, diga-me uma coisa: você não conseguiu saber nada do casamento de Márcia?

REGINALDO - Nada, dona Eugênia. Absolutamente nada. Eu até tinha o maior interesse em saber, mas ela não diz.

EUGÊNIA - A gente compreende a intenção dela, mas a verdade é que essa situação está nos afligindo a todos. Converse com ela, diga-lhe isto e pode ser que ela se decida.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Como é, pai? Trabalhou muito hoje? Estou achando o senhor com aspecto um pouco cansado; que é que há?

HERMES - É que hoje foi, realmente, um dia muito apertado para mim. Tive que resolver uma série de assuntos importantes e de muita responsabilidade. No fim da tarde, de tanto pensar, a gente está mesmo cansado.

NADINHO - E depois chega em casa e em vez de descançar os problemas continuam... O senhor precisava tirar umas férias e ir com a mãe fazer uma viagem pela Europa, ou até mesmo em redor do mundo. Seria bacana, não?

HERMES - Sem dúvida, mas como é que eu ia sair e deixar vocês aqui com tantas coisas para resolver? Eu tenho esse projeto, mas depois que tudo esteja resolvido aqui por casa.

NADINHO - Sei, pai que às vezes eu penso em tudo que tem acontecido e fico chateado comigo mesmo. Digo assim: pomba, o pai é um cara tão bacana, tão amigo da gente e a gente em vez de ajudar ele só dá trabalho e preocupação.

HERMES - Qual o que, meu filho, vocês me dão, também, muita alegria, de crer. Que seria da minha vida sem vocês?

NADINHO - Apesar de tudo, pai? Eu não digo que o senhor é bacana? Si é.

HERMES - Os problemas de vocês foram causados pela nossa negligência, isso é que é...

NADINHO - (CORTINA) Ah, pai, já vai começar outra vez com aquele complexo

de culpa? Acaba com isso de uma vez por todas. O que é que ia adiantar vocês quererem proibir de fazer as coisas a dois cabeças duras como eu e Heloisa? Absolutamente nada. E depois, pai, eu acho que tudo que acontece é porque tem que acontecer. É exatando que a gente aprende. Hoje, depois de tudo que me aconteceu, pode ser que eu volte a errar, mas estou duvidando e muito, tá? Portanto, pra alguma coisa o erro serviu, não serviu?

HERMES - É. Dizem que Deus escreve direito por linhas tortas...

NADINHO - Pois então. Já vê que eu tô por dentro dessa teoria; ou não tô?

HERMES - Bem, meu filho, não vale agora discutir mesmo de quem foi a culpa; vale é aproveitarmos, todos nós, a lição que a vida nos ensinou. Que ela nos sirva pelo resto dos nossos dias. Só o que me resta desejar. Minha preocupação maior, agora, é o casamento de Márcia. Eu preciso saber quando e onde é. Preciso.

NADINHO - Acho que todos nós precisamos, mas até agora ninguém arrancou uma só palavra dela a este respeito. Mas nós vamos descobrir, esteja tranquilo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

HELOISA - Outro dia falei a você sobre a possibilidade de casarmos no mesmo dia, mas para isto eu precisava saber quando é o seu casamento para marcar o meu.

MÁRCIA - É para isto, mesmo que você quer saber? Jura?

HELOISA - Juro, Márcia. Queris avisar o Ewaldo para estarmos prontos.

MÁRCIA - Eu também já pensei que seria bom. Iríamos os quatro juntos e um por seria padrinho do outro. Não haveria necessidade de mais ninguém. Porque nós não pretendemos que ninguém fique sabendo, ouviu bem, Heloisa?

HELOISA - Compreendo, Márcia. Compreendo muito bem e consigo você pode ficar completamente descançada porque só avisarei ao meu noivo; e mais ninguém.

MÁRCIA - Pois bem, Heloisa meu casamento com Beto será no próximo dia seis.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - ENCERRA.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA SOBRE, BAIXA E SOME.

- NOVELA DE ÉRICO CRAMER -OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

10.11.2011

LOCUTOR - Ao terminar o quinquagésimo quinto capítulo desta novela, deixamos Heloisa e Márcia, no quarto de última, conversando sobre a possibilidade de se casarem as duas no mesmo dia. Heloisa não quer revelar a data do seu casamento pois não pretende o comparecimento de ninguém à cerimônia. Como no entanto seriam absolutamente necessárias duas testemunhas ao ato, acha boa a ideia de sua irmã de um casamento duplo. Um par seria padrinho do outro. Márcia faz Heloisa jurar que guardaria segredo da data e o diálogo entre elas é interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME.

HELOISA - Outro dia falei a você sobre a possibilidade de casarmos no mesmo dia, mas para isto eu precisava saber quando é o seu casamento, para marcar o meu.

MÁRCIA - É para isto mesmo que você quer saber? Jura?

HELOISA - Juro, Márcia. Quería avisar o Ewaldo para estarmos prontos.

MÁRCIA - Eu também já pensei que seria bom. Iríamos os quatro juntos e um par seria padrinho do outro. Não haveria necessidade de mais ninguém. Porque nós não pretendemos que ninguém fique sabendo, ouviu bem, Heloisa?

HELOISA - Compreendo, Márcia. Compreendo muito bem e comigo você pode ficar completamente descansada porque só avisarei ao meu noivo; a mais ninguém.

MÁRCIA - Pois bem, Heloisa, meu casamento com Beto será no próximo dia seis.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - A MÚSICA FICA VIBRANDO EM PUNDO.

HELOISA - No próximo dia seis? Então temos vinte seis dias na nossa frente, ainda. Meu noivo vai vibrar com essa notícia inesperada.

MÁRCIA - Não esqueça de recomendar a ele que não fale nada a ninguém.

HELOISA - Ewaldo é completamente fora dessas coisas. Vai ficar encantado com a ideia de irmos sós, os quatro. Não se preocupe por ele.

PAG. 2
MÁRCIA - Eu estava num problema que você vai resolver para mim. Não sabia como avisaria o pessoal, depois do casamento realizado, porque o nosso programa é casar às oito e às nove sumir. Não sabemos, ainda para onde vamos, mas de qualquer maneira aqui não ficaremos.

HELOISA - E as suas coisas, como é que você pretende fazer?

MÁRCIA - Agora que você já sabe de tudo, ficará encarregada de me mandar, depois. Eu escreverei a você e mandarei meu endereço.

HELOISA - Você está certa de que vai ter coragem de cumprir esse programa até ao fim, Márcia? Não tem medo de fraquejar no meio do caminho?

MÁRCIA - Que posso fazer, Heloisa? Tenho que reunir forças para ir até ao fim. Será a única maneira de poder salvar Nadinho, definitivamente. Do contrário, seria ele, sempre, o instrumento de vingança do Beto.

HELOISA - Isso é uma injustiça com a qual eu não posso me conformar. Seria mais justo que Nadinho sofresse, porque afinal teve culpa, do que você que é inteiramente inocente.

MÁRCIA - Não importa. Eu jurei a mim mesma que salvaria Nadinho, sem cogitar o preço que me custaria a sua salvação. Isto me compensa, em grande parte, do sacrifício que vou fazer. Há outra coisa, também, que é muito importante para mim que é a salvação de Fernando. Esta já está garantida por uma carta declaração que arranquei do Beto, assinada pelo seu Chefe e que vou deixar com você, Heloisa. Na véspera do casamento escreverei a ele a carta despedida e direi que pode voltar e procurar com você a sua sentença de liberdade para apresentar às autoridades. Diante dela ele vai compreender porque casei com Beto.

HELOISA - O que não o impedirá de sofrer e muito, porque ele ^{tem} ama de verdade, Márcia.

MÁRCIA - Eu sei, mas diante da prova que lhe dou, ele não poderá duvidar, um instante, sequer, do meu amor. E quanto a sofrer, eu não sei se o sofrimento maior será o dele ou o meu. Posso contar com você para ser a depositária do documento que servirá para libertar Fernando?

HELOISA - Claro, Márcia. Para isto e para tudo mais que você necessitar.

MÁRCIA - Eu sabia, Heloisa. Eu sabia que poderia contar com qualquer um dos meus irmãos, mas foi você a escolhida pelo acaso. Será você, então, a que vai resolver todas as dificuldades que se apresentarem ao meu casamento sigiloso e às providências que teriam que ser tomadas depois. Agora já estou mais calma, interiormente, sabendo que terei você para resolver qualquer complicação nova que possa surgir, ainda.

HELOISA - Será a maneira de poder retribuir a você todo o bem que você procurou me fazer, arriscando, inclusive, a sua integridade física. Eu nunca esqueci isto, Márcia e creio que nunca serei capaz de esquecer. Quanta coisa você me ensinou com aquele seu magnífico gesto de solidariedade! Aprendi, até, que podia existir uma amizade sincera e desinteressada.

MÁRCIA - Eu vou sentir muita falta de você, Heloisa.

HELOISA - E você pensa que nós não iremos sentir a sua falta? Nem quero me lembrar o vazio que você vai deixar dentro desta casa. Papai, Reginaldo, Nadinho e até mamãe vão ficar procurando você pelos cantos, sofrendo a saudade pela sua ausência e sofrendo, principalmente, porque estarão sabendo que você não está feliz.

MÁRCIA - Deixe isso pra lá, Heloisa. Não vamos falar no amanhã. Eu preciso ser forte e, para tanto, não devo olhar o que me espera além nem o que ficou para trás.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Foi pena a senhora ter voltado aqui para nada, mas o seu telefone deve ter andado mal porque não tem conta a quantidade de vezes que eu tentei telefonar para a sua casa e dava sempre o sinal de ocupado.

DINAH - -E, realmente o meu telefone esteve mal. A Lindaura também tentou muito falar comigo e nunca conseguiu. Foi por isto que me resolvi a passar aqui outra vez. Estamos lá com dois pretendentes para algumas coisas e eu não queria quiz fazer negócio com eles antes de saber se a Eugênia se interessava ou não.

REGINALDO - Não, ela me pediu que dissesse à senhora que de momento não

está interessada em nada, porque tem uma série de ^{problemas} ~~coisas~~ para resolver e não dispõe de tempo nem disposição para pensar em outras coisas.

DINAH - Bem, quem tem família grande tem mesmo sempre uma série in-terminável de complicações a resolver, principalmente Eugê-nie com duas moças para casar. (TOM) E por falar nisto, já sabem quando casará Heloisa?

REGINALDO - Não sabemos. Heloisa sempre foi a mulher de última hora. De repente resolve e casa. Mas acho que ela não tem ainda nem o mês marcado, quanto mais o dia.

DINAH - A gente gosta de saber, para estar mais ou menos preparada, entende? Recebe um convite de última hora, já não dá tempo para se fazer roupa.

REGINALDO - Não, não, mas o casamento de Heloisa não vai ter convites. Ela não é dessas coisas. Acho que irão os pais, os padrinhos e mais ninguém. Por isso a senhora pode estar tranquila que não vai ter que andar correndo atrás de vestido.

DINAH - Escute, Reginaldo e a Márcia? É mesmo verdade que ela também está noiva? É o que andam dizendo aí por fora, não sei...

REGINALDO - Bem, se ela está realmente noiva, a família não conhece o noivo porque até hoje - que eu saiba - ele não esteve aqui.

DINAH - Então não pode ser verdade. Essa gente inventa muita coisa, sabe Reginaldo? Eu, velha do jeito que estou, não me livro de que me arranjem noivos, avalio duas moças bonitas e inte-ressantes como Márcia e Heloisa. Agora uma coisa eu noto e acho muito estranho: nenhuma das duas se interessa muito por namorado.

REGINALDO - Bem, mas a Heloisa não tem mais que se interessar mesmo.

DINAH - Pois é, mas a verdade é que mesmo antes, parece que nunca se interessou. Eu, pelo menos, frequentando sempre a casa aqui, nunca fiquei sabendo de um namorado que ela tivesse. De repen-te surgiram comentários com esse rapaz, depois...

REGINALDO - (DESAGRADADO, CORTANDO, MAS SEM SER RÍSPIDO) Dona Dinah, a se-nhora vai me desculpar mas eu deixei uma panela de leite no

fogo e é capaz até que a esta hora já esteja derretendo. Eu vou lá verificar e a senhora pode bater a porta, por favor.

C/REGRA - PASSOS AFURADOS DE REGINALDO, SE AFASTANDO.

DINAH. - Ih, o velhote parece que não gostou muito do comentário que eu fiz a respeito de Heloisa. Mas é verdade mesmo. Todo o mundo comentou um certo namoro que ela teve aí com um camarada que até casado diziam que ele era. Querer tapar o sol com a peneira, agora, é uma bobagem muito grande. Bem... já que ele me deixou aqui plantada, o remédio é ir embora mesmo e o mais triste é que sem saber nada do que eu queria saber. Lindaure sempre tem mais sorte do que eu. Cada vez que aparece aqui lá vem uma novidade fresquinha.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

DOQUINHA - Ora bolas! O Chefe me disse que era pra eu insperá um mucadinho que ele ia falá no telefônis e já vortava, faz mais de meia hora que eu tô aqui plantada e intê agora ele num vortô. E o mais piô é que ele me mandô insperá eu num posso i simhora, sinão eu ia e vortava eminhã. (TOM) ah, mas eminhã eu num ia pudê memo que é o dia de eu i lá na Colona Agrícola, pra fazê uma visita pro négo. E pra falá nisso eu vô percisá que o chefe me dê argum que é pra comprá umas gulósima pra ele. Ele deve de tá safado cumigo que eu num fui da úrtima veiz, mas eu num tinha dinheiro pra levá nada, perferi num i que ele ia me xingá. E ele xinga memo de verdade. Num faiz cirimonha nem ce mãe da gente. As gulósima num é tanto que ele gosta, mais é o cigarro. Num levô cigarro pra ele num percise nem i. (TOM) ah, intê que infins já vem lá o chefe de vorta, agora o que vai acuntecê é que eu num vô pudê dimorá. Vô tê que vortá logo pra lá, mais ante que o seu Beto chegue.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM SE APROXIMANDO NO CIMENTO.

VOZ (CHEFE) - Entre, vamo conversá lá dentro. Demorei muito, não foi?

DOQUINHA - Um mucado, mas tomben num foi tanto. Eu só tava meio afrite por que eu tenho que vortá logo.

gnação, sem o que nossa vida se transformará num martírio constante. Faça como eu, uma campanha de otimismo, dizendo todos os dias, de manhã, ao acordar. Foi menos um dia para estar longe do meu amor. Este já passou, o de hoje também passará e todos os outros que faltarem passarão igualmente, até que possamos estar outra vez reunidos. Você verá como isto lhe ajudará e você viverá menos triste. E a sua viagem para fora, quando será? Si você estiver certo que ela irá fazer-lhe bem, apresse-se, embora isto signifique uma pausa muito maior nas suas cartas. Antes de tudo, no entanto, quero-a refeita de sua saúde e revigorada em seu ânimo. Diga ao Nadinho que estou à espera da carta que ele me prometeu. Si acha que poderá comprometer-se em escrever ou receber cartas de um foragido, podemos fazer tudo com outro nome, conservando apenas os endereços, para que as cartas possam ir ao seu destino. Dê um grande abraço meu, muito saudoso à Heloísa e ao Reginaldo. Vocês têm sabido de Beto? Telefonou alguma vez, depois que vim embora? Mande-me dizer, somente a título de curiosidade. Com ele, propriamente, eu quero a distância, só que as posições poderiam muito bem estar invertidas, com muito mais justiça. Ele aqui e eu aí onde ele está. Mais perto de você, meu amor. Não esqueça de responder as perguntas todas que lhe faço neste carta, sim querida? (AFASTANDO-SE) Reciba mais uma vez o meu grande carinho...

MÁRCIA - (APROXIMANDO-SE E LENDO JUNTO) Reciba mais uma vez o meu grande carinho e a minha infinita saudade. Do seu, muito seu e sempre seu Fernando.

C/REGRA - DOBRA O PAPEL E GUARDA NO ENVELOPE.

MÁRCIA - Meu pobre amor! Ele sente o meu desespero através de todas as minhas cartas... mas eu já não sei mais como disfarçá-lo!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - A situação dos nossos filhos, a cada dia que passa, tende mais a se normalizar, com exceção de Márcia, pobresinha que parece que a cada dia mais se afunda no seu desespero. Eu queria fazer alguma coisa por ela, mas ela não deixa.

EUGÊNIA - Você disse muito bem, Hermes. Ela não deixa. Todos nós desejamos fazer alguma coisa por ela, todos. Você, Reginaldo, Nadinho, Heloísa e até Diana já manifestou esse desejo. Eu cheguei a falar com Reginaldo e pedir-lhe que visse se conseguia convencê-la a aceitar nossa ajuda, mas qual... Ela se fechou na sua torre de marfim que ninguém pode lhe chegar perto. O remédio é deixar que o tempo passe e que as coisas se resolvam naturalmente.

HERMES - Não, não, Eugênia, não. Nós já cruzamos nossos braços durante muito tempo. Agora é a vez de procurar recuperar o tempo perdido. Temos que continuar lutando para evitar que ela faça a loucura suprema que seria o seu casamento com aquele esqueiroso e patife que deveria estar no fundo de uma cadeia há muito tempo. Temos todos que dar as mãos e fazer uma poderosa corrente para obrigá-la a retroceder.

EUGÊNIA - Eu não tenho muito espírito de luta, mas se você acha que deveremos continuar lutando pode estar certo de que eu não fugirei da corrente.

HERMES - Obrigado, Eugênia, muito obrigado. Eu sabia que podia contar com você.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Por que não veio jantar conosco hoje, como é seu costume? Todos nos sentimos frustrados. Eu então, pensando que você não viria mais, cheguei quasi a desesperar.

DIANA - Recebi a visita de uma tia que mora em Canoas e quando o marido foi buscá-la já eram mais de oito e mais. Com qualquer coisa, depressa, vesti-me, apanhei um taxi e vim.

NADINHO - Sabe que eu cheguei até a pensar que você tivesse resolvido não vir mais para evitar as minhas manifestações de interesse?

DIANA - Que é isso, Nadinho? Eu não me esquivaria a vir aqui dizer francamente a você que estava resolvida a terminar com a promessa de pensar no assunto. Sempre agi às claras, não seria exatamente com você que iria me portar de maneira excusa. Não faça tão mau juízo de mim, Nadinho. Eu sempre fui franca e com você serei ainda mais.

NADINHO - Obrigado, Diana. É isso, exatamente, o que eu quero de você. Que seja franca comigo. Que me aceite se vier a gostar de mim e não porque pense que deve aceitar-me por uma questão de gratidão, ou simplesmente para resolver uma dificuldade da sua vida. Aliás, isso eu não tenho o direito de pensar desde que você recusou minha primeira proposta de casamento.

DIANA - Não diga assim, Nadinho. Eu não "recusei" a sua proposta. Recusar seria dizer "não, eu não quero" e não foi assim que aconteceu. Eu lhe pedi tempo para pensar no assunto, com a esperança de vir a gostar de você e poder responder sim. É diferente de recusar, parece.

NADINHO - Eu sei, eu sei... é maneira de falar. E há que estamos falando no assunto, seria de mais eu desejar saber se melhoraram as condições para você me aceitar, Diana?

DIANA - Tenho a impressão que sim. E pude verificar isto hoje, exatamente no momento em que vi que não poderia vir jantar com vocês. Fiquei intimamente tão contrariada que maldisse a visita de minha tia, coitada.

NADINHO - Diana, que bom! Será que eu vou chegar a merecer mesmo essa graça do céu?! Juro-lhe que seria um homem feliz e daria por bem empregados todos os meus sofrimentos de até hoje.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Este ficou bem, muito bem. Na minha opinião bastará ajustar um pouco a calça na coxa; nada mais do que isto. Este aqui já marcou o que deve fazer?

VOZ I - Já, sim senhor. Encurtas dois centímetros o casaco e um centímetro a manga.

BETO - Exato. A calça ficou boa. Pode, até, arrumar esta outra por ela. Quer dizer que estas duas estão prontas. Estas têm qualquer coisa a fazer e as outras?

VOZ I - As outras eu ainda não tive tempo nem de cortar. Quero ver se faço isto hoje à noite, para depois de amanhã deixar pelo menos uma em prova. Há muito serviço, seu Beto e o senhor encomendou logo seis roupas...

BETO - Pois é, por isso mesmo você tem que largar as outras e fazer logo as minhas.

VOZ I - Eu larguei duas roupas por causa das suas, mas tinha uma com data certa para um rapaz que ia casar, não podia deixar o homem em falta.

BETO - Bom, então eu também vou lhe dizer uma coisa, eu encomendei essas roupas porque vou me casar.

VOZ I - Ah mas o senhor não me disse nada... agora que está me dizendo...

BETO - Pois é, pois eu vou me casar e estas roupas precisam estar todas prontas até o dia cinco de noite.

VOZ I - Dia cinco? De noite? Ah ficam prontas, sim. Depois de amanhã já posso estar com uma em prova, daqui a três ou quatro dias a outra, no máximo dentro de dez dias estão todas feitas.

BETO - Dez dias, ainda? Por que tanto tempo?

VOZ I - É porque ainda tem a segunda prova das duas. Estas aqui que tem que arrumar... parece pouca coisa mas é bastante.

BETO - Muito bem, então já sabe, hein? E capricha bem nisso aí que é pra não perder o freguez, tá?

VOZ I - Pode deixar. O senhor vai estar como um figurino no dia do seu casamento. Eu até acho que vou espiar esse casamento. Onde é que vai ser?

BETO - Ainda não está resolvido, mas depois eu lhe aviso.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Desta vez, sim. Desta vez eu trago uma novidade memo pra valô, Chefe. É aquilo que o sinhô queria memo sabê.

VOZ
(CHEFE) - Então manda logo, vamos ver.

DOQUINHA - O arfaite foi exprementá as roupa dele, eu fingi que fui lá pra dentro mas fiquei na vorta da escada escutando tudo e uvi êle dizê.

VOZ
(CHEFE) - E quando é? Diz logo. Onde é?

DOQUINHA - Êle disse assim pro arfaite que as ropa tinha que tá tudo pronta até o dia cinco de noite, sem falta. Que era pro casamento.

VOZ
(CHEFE) - Então só pode ser dia seis, pela manhã. E o local?

DOQUINHA - Bão o local. Êle inda num disse, mas vai dizê depois. Quando êle disser pro arfaite nós vamo sabê.

OPERADOR - ENCERRAMENTO.

- Novela de Érico Cramer -

10.11.2011

57º CAPÍTULO

PERSONAGEM: Heloise
 INTERIÓ: Luédia

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quinquagésimo sexto capítulo desta novela, deixamos Doquinha e o Chefe, no esconderijo desta, conversando sobre o casamento de Beto, que ambos se empenham em saber quando e onde será. E o diálogo entre os dois foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME.

DOQUINHA - Desta vêiz, sim. Desta vêiz eu trago uma novidade memo pra talê, Chefe. É aquilo que o sinhô queria memo sabê.

VOZ (CHEFE) - Então manda logo. Vamos ver.

DOQUINHA - O arfaite foi exprementa as roupa dele, eu fingi que fui lá pra drento, mas fiquei na vorta de inscãde inscultando tudo e uvi êle dizê.

VOZ (CHEFE) - E quando é? Diz logo. Onde é?

DOQUINHA - Êle disse anssim pro arfaite que as ropa tinha que tá tudo pronta até o dia cinco de noãte, sem farta. Que era pro casamento.

VOZ (CHEFE) - Então só pode ser dia seis pela manhã. E o local?

DOQUINHA - Bão, o locã êle ainda num disse, mas vai dizê dispois. Quando êle dissê pro arfaite, nós bomo sabê.

VOZ (CHEFE) - Quando êle disser prao arfaite?

DOQUINHA - É. O arfaite disse anssim pre êle que queria inspiã o casamento que era pra vê a ropa; aí êle disse anssim que ainda num sabia, mas que dispois avisava pra êle. Agora eu só preciso adia cubri adonde que é a arfaitaria e nas vésperi lá sabê do arfaite adonde é o casamento. Isso eu vô adiscubri, Chefe, pode dexá.

VOZ (CHEFE) - Vamos ver. Eu preciso saber pelo menos com dois dias de antecedência que é ra me preparar.

DOQUINHA - Perpara pra que? O sinhô tambem vai no casamento?

VOZ (CHEFE) - Vou. Êle não sabe e com certeza não deseja que eu vá, mas

eu vou. Vou levar-lhe um presente que ela não espera.

DOQUINHA - Vai mandá prendêê ele?

VOZ (CHEFE) - Não sei. Deixa de ser bisbilhoteira. Fez o que eu te mando e não pergunta porque.

DOQUINHA - Tá bõ, Chefe, tá bõ. Eu num vô priguntá mais, disculpe. Posso me arratirá?

VOZ - (CHEFE) - Pode não. Deve. Vô para o seu pòsto cuidar do seu serviço.

DOQUINHA - Sim sinhô. Inté otro dia, Chefe.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Minha filha, Reginaldo me disse que você esteve, ontem à noite, longo tempo no quarto de sua irmã, conversando?

HELOISA - É verdade, sim papai.

HERMES - Fez o que eu pedi? Catequizou-a para que lhe dissesse a data do casamento com Beto?

HELOISA - Sim, papai fiz, mas, infelizmente, foi inútil todo o meu esforço.

HERMES - Não é possível, minha filha! Não é possível! Ela não deixou nem transparecer si será breve ou vai ainda demorar? Isso era o mais importante de saber.

HELOISA - Ela não ediantou nada, papai. absolutamente nada. Eu falei, falei, mas ela permaneceu muda e dizendo, por fim, que nada estava resolvido, ainda. Diante disto, eu não pude mais insistir.

HERMES - Disse que não está nada resolvido, ainda, para nos despistar. Eu sei que está tudo resolvido e só tenho medo que ao amanhecer de um desses dias, ao procurá-la ela tenha desaparecido de casa. Já não durmo mais direito por causa disto, minha filha. A noite, para mim, passou a ser uma verdadeira tortura. Eu chego a reagir ao sono, de madrugada, com receio de dormir e não ouvir o barulho de sua saída.

HELOISA - E se ouvisse, papai, que faria?

HERMES - Trataria de impedi-la, é claro. Nem que para isto tivesse que usar a minha autoridade de pai, embora ela não seja menor.

HELOISA - Pois é. E se mesmo usando a sua autoridade ela insistisse em se ir, o senhor acha que poderia fazer alguma coisa? Não creio.

HERMES - Poderia, sim, minha filha, Tenho certeza que poderia. Não sei bem o que, mas sei que alguma coisa eu poderia fazer. E vou fazer, porque Deus vai me ajudar e se esse menino não desistir da loucura que quer fazer, na hora da sua saída, que só poderá ser às escondidas, porque de outro jeito não será, um anjo qualquer me avisará e eu estou disposto a recorrer, inclusive, à violência para não permitir que esse casamento se realize.

HELOISA - A violência é que me parece uma loucura ainda maior, papai. Pense bem e não fique alimentando idéias absurdas que só poderão criar dificuldades ainda maiores, do que as já existentes.

HERMES - Não posso me conformar com essa ideia, Heloisa, não posso. Minha filha é uma menina admirável de bondade, de carinho, de solidariedade humana; uma menina que tem todos os predicados que uma moça da sua idade possa ~~ter~~ ter, uma menina prestativa, inteligente, de um caráter admirável... pode-se conceber uma moça assim, entregar-se a um homem horroroso e repulsivo, um mau caráter total, um homem vil e indigno como é o Beto? Não pode existir nada pior, Heloisa. É a maior infelicidade que pode acontecer numa família.

(COMOVENDO-SE AOS POUCOS E TERMINANDO ENCOLINDO OS SOLUCOS) Eu quero muito bem a todos os meus filhos, Heloisa. Eu não quero a Márcia mais do que a você, juro-lhe, mas ela representa um período de de minha vida onde desabrocharam as maiores e mais belas ilusões de um jovem. Foceram, depois, sem durar muito tempo, mas de qualquer forma foram as melhores ilusões dos meus vinte e três anos. Lembro-me, ainda, com que alegria e orgulho eu a tomei nos meus braços, logo depois que me foi apresentada no hospital. Ela chorava e eu ria, ouvindo a sua vozinha terna, como se o choro soasse nos meus ouvidos como o coro de anjos. Foi tão bom, minha filha, tão bom... e durou tão pouco!... (CHORA MANHANTE)

HELOISA - (COMOVIDA TAMBEM) Que é isso, papai, vamos... Nós não ~~podemos~~ ^{perderemos} perder a nossa Márcia. Deus vai nos ajudar, esteja certo.

HERMES - (CHORANDO) Deus... Deus parece... que se esqueceu de nós, minha filha... parece que nos abandonou... totalmente... Já rezei tanto... tanto... que resolvi agora não rezar mais... com receio de aborrecê-lo. Mas quando olho para a sua imagem... ali na parede

... faço-o-o-o com tão profunda angústia... nos meus olhos...
e no meu coração... que Ele... que tudo vê... ~~mas~~ não poderá
deixar de sentir.

HELOISA - Papai, o senhor está muito nervoso. Mas pode estar certo de que,
pelo menos por óra, Márcia não está pensando em se casar.

HERMES - Talvez finge que não está... talvez diga que não está... exatamente
para ter mais facilidade de agir. Não podemos estar confiantes
nisto, não, minha filha. Temos que estar vigilantes, isto sim.
Ajude-me, minha filha, eu lhe peço. Ajude-me, por favor.

HELOISA - Está bem, papai, está bem. Eu vou procurar ajudá-lo. Vou estudar
a maneira de poder ajudá-lo melhor.

HERMES - Bem, minha filha, estou na hora de retornar ao Banco. Desculpe
se, com o meu desabafo, eu entristeci você. Eu não queria fazer
isto. Tudo aconteceu independente da minha vontade.

HELOISA - Não se preocupe, papai. Vá trabalhar que pelo menos lá o senhor
está distraído. (BEIJO)

C/REGRA - PASSOS DE HERMES QUE SE AFASTA.

HELOISA - Pobre papai! E eu sabendo de tudo e sem poder dizer-lhe nada por
que jurei para Márcia! Que situação a minha meu Deus! E agora, o
que é que eu faço?! O que é que eu faço?!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DIANA - O que é que você tem, Nadinho? Você hoje está tristonho, abati-
do... aconteceu alguma coisa? Diga. Faz bem desabafar.

NADINHO - Eu estou triste, realmente, mas não é nada com você, por isso
não se preocupe.

DIANA - E porque não é comigo você acha que é o bastante para não me pre-
ocupar? Nada disto, Nadinho. Seja com quem fôr, basta que você
esteja tristonho para que eu fique preocupada e desejando ajudá-
lo. Ou você não tem confiança de me contar?

NADINHO - Ora vamos! Por favor, Diana. Então eu não vou ter confiança em
você? Não quero é incomodá-la, isto sim. Acho que não vale a pa-
na, porque afinal você não pode fazer nada mesmo...

DIANA - Por que você acha que eu não posso fazer nada? Você não sabe.

NADINHO - Sei, sim. Desgraçadamente ninguém pode fazer nada, não é você.

DIANA - Eu gostaria que você me dissesse. Custa?

NADINHO - Não, não custa. Eu posso dizer. Só que não desejava estender a
você a minha tristeza, mas já que você insiste, eu também não quero que fique pensando outras coisas. Eu estou triste por papai, entende?

DIANA - Por seu pai? Que aconteceu com ele?

NADINHO - Está desesperado, presentindo o próximo casamento de Márcia e não quer se conformar com ele a trôco de nada. Não pode mais dormir à noite e o meu receio é que ele volte a adoecer ou en-
tão tome qualquer atitude violenta, o que seria profundamente desagradável para todos nós.

DIANA - Coitado do doutor Hermes; ele deve estar sofrendo muito. Mas ele é um homem calmo, ponderado, eu não acredito que tome nenhuma at-
titude violenta.

NADINHO - Você não sabe que as águas tranquilas, quando se enfurecem, são as que mais se agitam e devastam as praias? Não queira saber o que é papai, quando em defesa de qualquer um dos seus filhos.

DIANA - Será que alguém tentou convencer o Beto de desistir desse casa-
mento? Quer/sabe si ele, chamado à realidade, despertaria e toma-
ria uma atitude digna diante dela? Os homens mais horrorosos e sem caráter, lá chega um dia que têm um raio de consciência e tomam atitudes de surpreender a gente.

NADINHO - Não devemos esperar milagres na época que atravessamos, Diana. Ambos conhecemos Beto para saber que ele jamais teria um raio de consciência, mesmo diante do amor.

DIANA - Mas alguém já falou com ele neste sentido? Eu perguntei e você não me respondeu.

NADINHO - Eu já falei... Heloisa também já falou... não adianta, ele não desiste. Está completamente empolgado com o casamento e pensa realizá-lo a qualquer custo.

DIANA - Si você me promettesse não se aborrecer, eu tentaria conversar com ele sobre isto para procurar convencê-lo a uma renúncia.

INDIVÍDUO - Não vai adiantar absolutamente nada, mas se você quiser tentar eu não vou lhe impedir.

DIANA - Pois muito bem, amanhã, logo depois do almoço, irei procurá-lo. Ele talvez se recuse a me receber, mas eu vou dar um jeito de conseguir falar-lhe.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Eu não sei mais o que fazer para acalmar meu marido, Reginaldo. Não sei, juro que não sei. Ele, coitado, está num estado de maxmas nervos que o pouco que dorme, durante a noite, é aos pulos e sobressaltos. Hoje vou telefonar ao doutor para pedir um calmante para ele tomar à noite, antes de deitar. Assim não pode continuar.

REGINALDO - Coitado do doutor Hermes. Está verdadeiramente desesperado. Si ao menos a gente pudesse descobrir a data do casamento... Mas não vai ser fácil, não. Eles vão fazer, com certeza, o máximo de segredo. Mesmo assim, por um gesto, uma palavra, um movimento qualquer, a gente estrnado atenta, descobre, sem dúvida. A senhora que eu lhe digo quem vai casar muito breve, na minha opinião? A Heloisa.

EUGÊNIA - A Heloisa? Não acredito, Reginaldo. A Heloisa não tem pressa alguma em casar e motivo algum para esconder de nós seu casamento.

REGINALDO - Motivo não tem, realmente, mas a senhora sabe muito bem como é a sua filha. Ela odeia essas coisas de movimento, de abraços, de presentes, de ramos de flores e todas as coisas mais que se relacionam com aniversários ou casamentos. É avêssa a essas coisas, sempre foi. Para evitar tudo isto, não será de admirar que ela faça segredo e apareça em casa já casada.

EUGÊNIA - Bom, de duvidar não é mesmo. Si ela entender de proceder assim, não haverá argumento algum que a faça mudar de ideia. Conheço bem minha filha. Mas porque você diz que acha que ela casará muito em breve?

REGINALDO - Porque ouvi, sem querer, uma conversa dela com o rapaz no telefone e dessa conversa deduzi que eles estão já nos últimos preparativos para o casamento. Ela falou até no vestido, e nos padrinhos.

EUGÊNIA - Mas então devem estar, realmente, nos últimos preparativos. Você não ouviu quem eram os padrinhos? Eles teriam que convidar e através deles nós ficaríamos sabendo.

REGINALDO - Para ser muito sincero à senhora, devo dizer que, contrariando os meus princípios, fiquei até fazendo tempo na saleta, na esperança de ouvir qualquer coisa mais que me desse certeza das minhas desconfianças, mas as frases mais ou menos esparsas que peguei, não me ~~convenceram~~ ^{levaram} mais do que a conjecturas.

EUGÊNIA - Eu amanhã vou procurar ter uma conversa com Heloisa e vou perguntar-lhe francamente. Acho que ela vai me dizer. Não tem motivos para ocultar.

REGINALDO - Mas por favor não lhe diga que fui eu quem lhe disse. Ela poderá zangar comigo e com certa razão. Afinal eu não tinha direito de escutar suas conversas ao telefone.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Ué!... A senhora por aqui outra vez? Que é que aconteceu, xente?

DIANA - Vim para ter uma conversa com o Beto. Tenho uma coisa muito importante a dizer-lhe.

DOQUINHA - Mas ele num tá e óia dono, acho que hoje nem num vai vim por aqui. Ele anda munto do trapalado. Ele vai se casá-se a senhora sabia?

DIANA - Ouvi dizer e exatamente por isso queria conversar com ele. Convecê-lo a não fazer esse bobageira. Beto não nasceu para o casamento. Nasceu para andar pousando de galho em galho.

DOQUINHA - Chi!... Vai dizê isso pro ele, ele vai xingar a senhora. Ele num tá tão assanhado co casamento, mas tão assanhado memo que até parece uma virge de primeira comunhão. Nem num fala noutra coisa.

DIANA - E quando é o casamento? Muito breve?

DOQUINHA - Óia, dona, o arfaite teve af' experimentando as roupa que ele mandô fazê pro casamento e ele disse pro arfaite que as roupa tinha que fica tudo pronta pro dia cinco de noite, sem falta. A gente presume que xege no dia seis de minhã, num é?

DIANA - É, deve ser. Mas eu precisava ter certeza disto e do local tambem.

DOQUINHA - Não, dona, o loca não éles mesmo inda não sabe. Mas eu vou sabê práquê éle curvidô o arfiate e disse que depois avi sabe pro éle adonde era. Na vésperi eu prigunto pro arfiate e digo pra sinhora. É só vim aqui sabê.

DIANA - Está bom. Eu vou fazer isto, então. Mas antes eu quero ver se consigo conversar com éle.

DOQUINHA - Mas num diz nada do que nós conversemos aqui que é pro num dá goio, tá?

DIANA - Pode ficar descansada.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Não era bem com você que eu queria falar, era com sua mãe, mas como ela não está, para não perder a viagem eu vou mostrar a você algumas camisolas americanas, belíssimas para o seu engoval. Camisolas, pijamas, conjuntos de banho, enfim... uma série de coisas diferentes que uma noiva sempre aprecia.

HELOISA - Não, não, dona Dinah, por favor não abra nada porque eu não vou ter tempo de ver agora. Estou com hora marcada no dentista, estou sem carro e aqui, nesta altura, não é muito fácil apanhar-se taxi, de formas que eu vou lhe pedir desculpas e se a senhora quiser pegar uma coroa, podemos descer juntas.

DINAH - Pois sim. Então eu vou deixar as caixas e sua mãe depois olha se tem alguma coisa que possa interessá-la e amanhã eu volto para buscá-las; está bem?

HELOISA - Está, sim senhora. O Reginaldo guarda as caixas aí e depois a mãe vê e resolve.

DINAH - Você casa breve, não é Heloisa? Ouvi dizer, até, que já estão correndo os proclamas.

HELOISA - Não senhora, não podem estar correndo porque nós nem vamos casar ~~no~~ religiosos agora.

DINAH - Não vão casar o religiosos?!... ah, minha filha, você não pode fazer uma coisa dessas. Seu pai e sua mãe vão consentir em tamanho absurdo?

HELOISA - Meu noivo é protestante e diz que eu não sou católica, que apenas me intitulo como tal - e é verdade - então como eu também

... e não sou católica, que apenas me intitulo como tal - e é verdade - então como eu também

me nego a um casamento na Igreja dele, resolvamos deixar isso em suspenso e depois, com mais calma tomar uma atitude que satisfaça aos dois.

DINAH. - Por que não fazem um casamento ecumênico? É tão bonito! E seria uma solução que atenderia aos dois lados.

HELOISA. - É uma sugestão. Mas como o casamento não será para já, há tempo de se pensar no assunto e se resolver. Vamos embora? Eu já estou atrozada.

DINAH. - Vamos, sim, vamos. Você vai pedir ao Reginaldo para tomar conta das minhas caixas?

HELOISA. - Sim. Vamos sair pelos fundos e, na passagem, eu digo a ele.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO. - Então a Doquinha afirma que o casamento deles será no próximo dia seis? Quer dizer que temos, ainda, quinze dias na frente.

DIANA. - Você vai dizer ao seu pai?

NADINHO. - Pois não sei. Você sabe que eu estou com muito medo? Talvez seja melhor que ele continue ignorando.

DIANA. - Você tem medo de um ato qualquer de violência; não é?

NADINHO. - Tenho. Tenho porque conheço muito bem meu pai.

DIANA. - E se mais tarde ele souber que você sabia e não lhe disse nada, será que ele vai perdoar a você não lhe ter dito a verdade? Pegue-se bem, Nadinho.

NADINHO. - Eu não tenho feito outra coisa senão pensar neste assunto, Diana. É dia e noite e noite e dia e sempre o mesmo pensamento a bailar na minha cabeça. Quando será? Quando será? Quando será? Agora o pensamento será substituído por outro: devo dizer? devo dizer? Devo dizer?

DIANA. - Você não precisa dizer hoje, nem amanhã. Pode dizer até daqui a uma semana, se quiser pensar mais tempo. A mim parece que você não poderá deixar de dizer.

NADINHO. - Sei lá... Eu sei é que estou numa situação sem tamanho. Acho que por hoje nem vou pensar mais neste assunto. Vou descaçar a minha cabeça. amanhã, talvez de cabeça mais fria, eu tratarei de voltar a pensar no assunto e resolver o que fazer.

DIANA - Conversa com Reginaldo, antes. Ele é um homem muito ponderado, além de grande amigo de todos da família. Talvez ele encontre uma solução que resolva melhor as coisas.

NADINHO - É, foi boa ideia. Amanhã, de manhã, vou conversar com Reginaldo, dizer a ele o que você me disse hoje e vamos ver o que é que ele sugere que se faça.

DIANA - Você hoje me parece um pouquinho mais animado que de última vez que eu estive aqui. Era tão grande o seu abatimento que eu saí daqui impressionada.

NADINHO - Pode ser que o meu aspecto hoje seja melhor, mas no íntimo prosseguem em mim as mesmas atribuições, as mesmas dúvidas, os mesmos anseios e as mesmas angústias. O que pode ter acontecido é que eu já me tenho acostumado com todas essas coisas desagradáveis e elas já não me prstem tanto.

DIANA - Será isso, então. Bem, Nadinho, são quasi onze horas da noite e você precisa repousar.

NADINHO - Por mim não teria importância, Diana a questão maior, a meu ver, é você sair por aí sózinha mais tarde.

DIANA - Isso não me preocupa tanto. Eu pago um taxi ali na esquina e em quinze minutos estou lá em casa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

VOZ - Mirón, Fernando, Una cartitta.

FERNANDO - Ah que bom. Eu estava mesmo esperando. Desta vez ele demorou um pouco mais do que de costume.

VOZ - Usted ya se imaginava olvidado por la chica, nó?

FERNANDO - Isso não, que a minha garota é muito bacana, tá ouvindo?

VOZ - Y por ser bacana no lo puede olvidar? Eso no quiere decir nada.

FERNANDO - Vá, vá... deixe de estar bancando o cajuze agoureira.

C/REGRA - BANGAR ENVELOPEZ, ABRIR PAPEL DE CARTA, DEPOIS DE TIRÁ-LO.

FERNANDO - (LENDO) Meu muito querido Fernando. Si as cartas anteriores lhe causaram descontentamento pela minha tristeza (AFASTANDO) não sei o que poderá acontecer depois...

MÁRCIA - (APROXIMANDO) (LENDO JUNTO COM FERNANDO) ... não sei o que po

deve produzir depois que você tiver lido o presente, mais triste, ainda, do que todas as outras. Por que? - perguntará você - e eu, infelizmente, não lhe poderei responder. Sigo muito nervoso, com as ideias muito confusas e sentindo que não poderei continuar como estou, vou amanhã para fora, de onde, mais tarde, escreverei a você. Não sei quando. Talvez demore bastante, mas penso que escreverei. Há muitas coisas que eu gostaria de poder dizer-lhe agora, e ainda que mais tarde você venha a saber delas, por enquanto eu serei obrigado a fazer silêncio. Por que, Fernando, duas pessoas que se amam, como nós nos amamos, são obrigadas a viver eternamente longe uma da outra, vendo que toda a sua ternura e o seu carinho são absorvidos inutilmente pela saudade que tudo cria e que tudo mata? Meu amor, perdô-me. Sei que esta minha carta irá torturar o teu coração, mas se soubesses o meu como está torturado, compreenderias e perdoarias este momento de fraqueza. Não respondas esta carta antes que te mande o meu novo endereço. Recolhe minhas lágrimas sentidas e o meu beijo de adeus. (AFASTANDO) Perdoo, querido. Perdoo todo o meu destino, ~~tu~~ infelicitíssimamente neste terrível desabafo.

FERNANDO - (APROXIMANDO) Perdoo, querido. Perdoo todo o meu destino, neste terrível desabafo. Tu infeliz Márcia. (PAUSA) Meu Deus! alguma coisa de muito grave deve ter acontecido. E eu sem poder fazer nada... nada.... nada!....

OPERADOR : CORTINA MUSICAL QUE REFLETA DESESPERO.

DOQUINHA - Eu queria isplé, sabe moço? Queria vê seu Beto se casando. Mas eu num sei adonde é... num vê pudê i.

VOZ I (ALFALATE) Mas eu sei e digo pra você. Às oito horas na ^{*Síngia do São João*} ~~capitão~~ _{*Não é às 8,30 no salão*} de avenida Oswaldo Aranha, ~~em frente à Igreja da São Sebastião.~~

OPERADOR : EXPLOÇÃO MUSICAL - FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Encerra como de hábito.

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME.

DOQUINHA - Ah, é? O sinhô riduziu?

VOZ I - Não, não... reduzi, não. Deduzi.

DOQUINHA - Ah, pois é. É o sinhô sabe que eu tombem cunduzi.

VOZ I - Deduzi. Quer dizer: imaginei. Entendeu bem agora o sentido da palavra?

DOQUINHA - Intindi, mas não cumprindi. Mas isso num vem ao caso. Riduzi, deduzi, cunduzi, no fim dá tudo na mesma porquere. Não sei pra que que inventam essas bobage das coisa dizê só uma coisa, quando elas pudia dizê uma porção de coisa; num é memo? O sinhô num acha? Não, mas eles tem que cumpricá, si num cumpricá num tá bão. Como é o nome deles, deixa eu me eleubrá... entrelocutais. Não. É entre... entre... léquetóais. É uma coisa enssim. Inté o nome deles na memo eles já bota atrevessado, o sinhô vê. Eles num pode se chama João? Pode, num é? Eles num pode se chama Manuel? Pode tombem, num é? Eles num pode se chama Overisto? Pode tombem, praquê não, mas vai vê o nome que eles iscoieram: entre... lo... entre... léque... toais. Só pra dá um nó na lingua da gente. Eu tenho razão de dizê que é gente compricada ou não tenho? Tá na cara. Bão, mas eu vô andando que aqui num é o meio do mundo e eu tenho um mundo de coisa pra fazê. Qué dizê que é ^{dia} ~~dispois~~ ^{seis} ~~dois~~, às oito hora no cunsurtório da rua Oswaldo Aranha e às nove na Igreja de São Sebastião. Certo?

VOZ I - ^{na Igreja e as 8,30} às oito horas no cartório e não no consultório. Veja bem.

DOQUINHA - Não é o caso que eu acabei de dizê? Cartório ou consultório num dá na mesma coisa? Dá. Mas cada um tem que sê pra uma coisa, si não fô praquela coisa num tá certo. Deus me livre. Óia, se um dia eu chegá e sê alguma coisa nesta vida, eu vô dizê pro sinhô. Eu mando baixá uma órde que as pessoa vão falá como elas quizé e dizê as coisa do jeito que elas intendê. Tá bão? Num vai tá nada de sê uma palávria pra cada coisa. Alé desperdício de palávria que num tem tamanho. Tá bão seu Caspá, muito brigedinha pela informação que o sinhô me deu e ^{ld} ~~antes~~ a gente se vê. Tchaus.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- NADINHO - Reginaldo, eu preciso conversar com você um assunto muito sério.
- REGINALDO - Estou às suas ordens, Nadinho. Pode ser aqui mesmo, ou quer ir para o jardim ou para o meu quarto?
- NADINHO - Não, não, pode ser aqui. Não há perigo de quem ninguém nos ouça porque estamos só nos dois em casa.
- REGINALDO - Só nós dois? Márcia também saiu? Há pouco ela andou por aqui.
- Nadinho - Acabou de sair talvez há cinco minutos. E é sobre ela mesma o assunto.
- REGINALDO - Eu já imaginava. Não há outro assunto possível aqui em casa, agora. Tudo gira em torno dela e desse amaldiçoado casamento.
- NADINHO - Exato. Mas a novidade que eu trago é quente à beça, Reginaldo. Diana descobriu a data do casamento e o local.
- REGINALDO - E quando é, meu filho? Diga logo. Seu pai está desesperado.
- NADINHO - É ^{dia seis} ~~depois~~, às ^{oito} ~~seis~~ horas, na Igreja de São Sebastião. Às oito e meia é o civil no cartório. E eu justamente vim conversar com você porque estou num dilema terrível: não sei se calo, ou se conto pro velho. Vim, justamente, pedir a sua opinião.
- REGINALDO - Pois meu filho, eu tenho a impressão de que nós não podemos dizer nada ao seu pai. E sabe por que; não sabe? Ele já manifestou algumas ideias violentas que a gente tem que procurar evitar.
- NADINHO - Isto, Reginaldo. Pois é exatamente esta a minha ideia, entende? Mas eu tive medo de assumir, sózinho, a responsabilidade da coisa e vim consultá-lo.
- REGINALDO - O que é que pensa sua mãe a respeito? Já falou com ela?
- NADINHO - Não, Reginaldo, não falei nem vou falar. A velha tem estômago frio e ia acabar contando tudo pro velho. Assim é melhor ela nem saber. Nem mesmo no dia pode-se dizer nada a ela.
- REGINALDO - Eu acho que você devia falar com mais alguém. Quem sabe Heloisa? Sua irmã é uma moça ponderada, saberia dar-lhe um bom conselho.

NADINHO - Já tentei falar com Heloisa, mas não sei o que está acontecendo com ela que ela fugiu do assunto.

REGINALDO - Está cansada, talvez. Tem sido tantas as complicações...

NADINHO - Cansados estamos todos nós, mas a verdade é que não podemos fugir ao dever de procurar auxiliar Nárcia. Tanto ela fez por nós, pobresinha.

REGINALDO - E está fazendo.

NADINHO - Exato. Então, Reginaldo, a sua opinião é de que não devo dizer ao velho?

REGINALDO - Bem, essa é a minha opinião pessoal. E pelos motivos que já expuz a você. Agora você proceda como o seu coração lhe pedir.

NADINHO - A sua opinião pessoal coincide com a minha, mas eu não posso saber bem o que o meu coração me pede. Não sei se é a voz dele que escuto, ou a voz da prudência.

REGINALDO - Bem, faça o seguinte. Deixe a resolução em suspenso até amanhã. E não pense mais por hoje. Amanhã volte a pensar no assunto e o ~~resolução~~ que lhe ocorrer, na hora, você ~~resolva~~ *faça*.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Que há, Heloisa? Acordada, ainda, a esta hora da noite?

HELOISA - É verdade. Estava sem sono e então aproveitei para vir conversar com você. Temos tanto que combinar para depois de amanhã...

MÁRCIA - Temos, sim. Eu já vou aproveitar e entregar para você a cartadocumento que servirá para restituir a liberdade ao Fernando. Depois que eu tiver embarcado, você faça chegar às mãos dele. Seria melhor se arranjasse um portador, para evitar extravio. Você compreende, é um documento muito importante.

HELOISA - Você deveria ter tirado uma foto-cópia. Ficaria mais garantido.

MÁRCIA - Eu me lembrei, mas tive medo pelo assunto, entende? Vamos que a pessoa encarregada de fazer a cópia lêsse o documento e achasse de avisar à polícia? Já pensou nas complicações em que eu me meteria?

HELOISA - É, tem razão, sim. Eu não havia me lembrado disto. Podia criar um problema muito sério, até.

110. 2

MÁRCIA - Então eu já vou deixar o documento com você, num envelope fechado e já com o endereço do Fernando. Quando eu estiver longe, você pense na melhor maneira de fazer chegar o envelope às mãos dele.

HELOISA - Para onde é que vocês vão? Já resolveram alguma coisa?

MÁRCIA - Inicialmente vamos sair de carro, pelo litoral, sem destino certo. Depois de uns dez ou quinze dias, vamos escolher um lugar para fixar residência. Beto estava indeciso entre um país ~~qualquer~~ qualquer da Europa, ou uma cidadezinha pequena do interior de Goiás ou Mato Grosso, onde ele pense comprar uma propriedade rural para cuidar da criação de aves e plantação.

HELOISA - Que ideia! Seria bem melhor que fossem para a Europa. Estariam, pelo menos, mais seguros.

MÁRCIA - Para mim tanto faz. Sei que não vou me sentir bem, ao lado dele, onde quer que possa estar, portanto... mal por mal, é completamente indiferente o lugar. Espere um momento que eu já vou lhe entregar o envelope. Isto, para mim, é o mais importante de tudo.

G/REGRA - POUCOS PASSOS. PARA. ABRE GAVETA. PAUSA. FECHA. MAIS PASSOS VOLTA.

MÁRCIA - Aqui está. Por favor cuide bem disto, Heloisa.

HELOISA - Pode ficar tranquila. Eu prometo a você que Fernando receberá este envelope, nem que seja da minha própria mão. Quer dizer... nem que eu tenha que ir levá-lo a Montevideo.

MÁRCIA - Obrigada, querida. Eu sabia que poderia contar com você. Você já está com tudo pronto para ^{dáqui a dois dias?} ~~partir~~.

HELOISA - Quasi tudo. Falta levar a minha mala para o caso de uma colega, ^{ou depois} amanhã durante a ~~xxxix~~ tarde, que é a hora em que todo mundo dorme. No dia é só sair bem cedo, antes que a turma levante e deixar a carta bomba em cima da mesa para a turma saber meu destino.

MÁRCIA - E você já vai falar no meu caso, ou simplesmente no seu?

HELOISA - Posso falar, mas acho que você deveria deixar uma carta ao papel.

MÁRCIA - É, eu também estava achando mas sinto que vai me custar tanto em contrar palavras para explicar alguma coisa a ele que se você fizesse eu já deixaria por isso mesmo. Mais tarde mandaria notícias, de onde estivesse.

HELOISA - Não sei, Márcia, não sei. Acho que por muito que lhe custe, vo
ce deveria escrever.

MÁRCIA - Está bem. Eu farei isto, então. A que horas seu noivo vem nos
buscar de manhã?

HELOISA - Antes das seis que é para sairmos enquanto todos dormem. Aí va
mos para a casa dele - que será a minha também - trocaremos de
roupa, se quisermos e um pouco antes das oito vamos para a Igreja.
Você vai tirar a sua roupa antes, ou de madrugada mesmo,
quando sair?

MÁRCIA - Não vejo necessidade de tirar antes. Eu levo quando for. Acho
que fica melhor, você não acha?

HELOISA - Como você quiser. Você ainda vai falar com o Beto, antes?

MÁRCIA - Ele ficou de vir encontrar-me amanhã à noite, no jardim, para
me dar as últimas ~~instruções~~ instruções de como proceder.

HELOISA - Si ele quiser vir buscá-la, ^{no dia} ~~de manhã~~, você não aceite. Diga a ele
que vai conosco e que você o encontra na Igreja. Você já vai sa
ir vestida ou troca de roupa mais tarde?

MÁRCIA - Não, não, eu já vou com o meu tailleur branco e não pretendo mu
dá-lo. Vou levar no braço o meu casaco de tweed porque na viagem
posso precisar.

HELOISA - Veja. Acendeu-se a luz do quarto de papai. A gente percebe pela
frincha em baixo da porta. Apague de uma vez a sua luz e eu vou
depressa para o meu quarto, antes que nos surpreendam juntas e
desconfiem de alguma coisa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGENIA - Você quer que eu lhe prepare um chásinho de folhas de laranjeira,
Hermes? Acalma e talvez você consiga conciliar o sono.

HERMES - Não, Eugênia, obrigado. Você vai se levantar inutilmente. Eu não
vou dormir mesmo. Não posso. A angústia que tenho no coração é de
tal natureza que um simples chá de laranja não vai conseguir apla
car. E o pior é que não existe nenhum remédio que possa curar
a preocupação de uma pai que vê uma filha à beira de um abismo.
Sabe, Eugênia, as minhas insónias me têm feito lembrar muito a
minha mãe, coitadinha. Uma vez eu vim para casa de madrugada,

sem ter avisado que chegaria mais tarde. Noite de um frio terrível e eu fui encontrá-la, sentada numa cadeira, com uma manta de lã enrolada nas pernas e um rosário na mão. Estava aflita e resaca. Pediu a Deus que não me tivesse acontecido nada e fazia promessas aos santos porque, no fundo, ela achava que deveria ter acontecido alguma coisa. Ao me ver ficou tão contente que me abraçou em silêncio e secou uma lágrima que lhe correu pela face. Tive um remorso tremendo e beijando-a disse-lhe, comovido. Perdoa, mãezinha. Ela respondeu: "não é nada, não. Isso é da vida. Filhos criados, trabalhos dobrados!" Hoje eu repito, com absoluta convicção, a frase que ela me disse: Filhos criados, trabalhos dobrados. Que bom era o tempo, Eugênia, em que fechávamos a porta da rua, com os nossos filhos dentro de casa, bem alimentados, bem agasalhados e a salvo das ciladas, lá fora. Hoje falta um, falta outro, um foi aqui, outro foi ali, a gente não sabe ~~XXXXXXXXXXXXXXX~~ o que andam fazendo dentro da noite, nem se voltarão.

EUGÊNIA - É verdade, Hermes. As preocupações da gente passam a ser muito maiores quando éle começam a se governar. E os nossos começaram cedo demais. Por isto, ou por aquilo, não vamos agora analisar os fatos, eles começaram quando ainda deviam estar nas saias da mãe, e sob a orientação e as ordens do papai.

HERMES - Tropeçaram tanto, coitadinhos, levaram tantos tombos, machucaram-se de tal maneira nas pedras dos caminhos que resolveram voltar e pedir os cuidados que não tiveram na hora devida. É, mas agora não adianta nada estarmos aqui a lamentar as faltas que praticamos. Isso não corrige nada, nem modifica a situação. O que temos que fazer é tratar de apagar os golpes que o destino dirige contra eles, para que os seus ferimentos não cheguem a ser mortais.

EUGÊNIA - É o que estamos procurando fazer, Hermes. Uma vigilância de todas as horas, de todos os passos que eles pensam dar pelos caminhos da vida. Desta vida tão fácil para alguns e tão difícil para outros. Mas vamos descansar, vamos. Apaga a luz e vamos procurar dormir. Eles estão todos deitados, todos dormindo, não há

razão para esta nossa vigília, agora.

HERMES - Todos deitados e todos dormindo esta noite. Mas e amanhã? Amanhã não sabemos o que nos espera. Não sabemos se estarão todos. Não sabemos nem se vamos poder deitar e dormir.

EUGÊNIA - Querido, vamos rezar um pouco e pode ser que através da comunicação que vamos estabelecer com Deus, tenhamos a sorte de receber a graça que seria o bálsamo suave do sono para abafar por algum tempo a nossa angústia. (REZANDO) Pelo sinal da santa cruz, livrai-nos Deus Nosso Senhor dos nossos inimigos. Em nome do Pai, do Filho e do Divino Espírito Santo, Amen.

OS DOIS - (REZANDO E SE AFASTANDO) Padre Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso Nome. Venha a nós o vosso reino...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

VOZ - (CHEFE) Quer dizer que você tem absoluta certeza de que o casamento dele é ^{dequi a dois dias} ~~dequi a dois dias~~ às oito horas na Igreja de São Sebastião?

DOQUINHA - Tenho, sim, senhor. Eu fui lá no alfaiate pra sabê e o alfaiate me disse.

VOZ - E você tem certeza que o alfaiate está bem informado?

DOQUINHA - Tem que tá, Chefe. Pois o home foi intê convidado pelo Beto pra i assistir o casamento... Já vê que num tem pirigo de engano.

VOZ - Muito bem. Tú vais lá também espionar?

DOQUINHA - Vô, sim, senhor. Eu também quero vê. Inde mais que eu conheço a moça. Ela intê uma vêiz me premetsu que eu ia trabalhá pra ela. Pode sê que agora ela me chame, né? Tá, Chefe, o senhor vai descurpá mas eu acho que eu vô.

VOZ - Mas eu acho que ela não vai te chamar, não.

DOQUINHA - Mas ela disse que ia e eu vô dizê pro senhor que a moça é direita.

VOZ - Pode ser, eu não estou duvidando, estou só te dizendo que ela não vai te chamar.

DOQUINHA - Bão, se num me chama eu num vô, que eu num sô muiô de tá me mantendo adonde eu num sô chamada. Gostei dela e ia gostar de trabalhá pra ela, mas se ela num me chama, não mesmo. Tá bão, eu já dei o meu recado e também já vô me mandô que êle hoje vai percia de mim pra passá umas ropas que êle já disse.

Pág. 9

VOZ - Vai, vai. E ainda tem uma coisa que tu precisas espiar esta noite para me dizer amanhã: onde é que ele esconde o nosso dinheiro. Digo nosso porque a metade vai ser pra ti, tu já sabes.

DOQUINHA - Eu já tô meio adiscunfiada do lugar, mas esta noite eu vô cuidar a noite interinha sem dormir.

VOZ - E si ele tirar de onde está e botar no bolso, passa a mão na la e te bota pra cá. Deixa ele vir atrás de ti.

DOQUINHA - Cumbinado, Chefe. Qué dizê que amanhã eu já tô Madama com grana e tudo? Já posso ir no casamento de artomóve?

VOZ - Depende de saberes trabalhar direitinho. And, logo vai.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Que agradável surpresa, Diana! Será que você veio me dar a alegria de almoçar comigo?

DIANA - Almoçar, não, Nadinho. Vim só um instante saber de você. Não consegui telefonar. O telefone de vocês está mal ou será o meu?

NADINHO - Acho que é o nosso, sim, porque ele tem estado silencioso a manhã inteira e isto não é nada comum aqui em casa.

DIANA - Você estava tão nervoso ontem à noite que eu fiquei preocupada. Vim saber como você passou a noite; se pensou no assunto e o que resolveu. Mas vamos por partes. Dormiu?

NADINHO - Dormi, sim. Custou-me um pouco conciliar o sono, mas depois de uma hora, mais ou menos, de rolar na cama, para um lado e para o outro, terminei dormindo. Afimiei até às oito e meia da manhã.

DIANA - Bem, agora me responde se pensou no assunto que tanto o preocupa ontem.

NADINHO - Pensei. Pensei muito e hoje de manhã voltei a pensar. Sabe que eu cheguei à conclusão de que devo avisar o velho?

DIANA - Pois então avise. Mas avise enquanto é cedo. Falta um dia só para o casamento.

NADINHO - (SUSTO) Um dia? Falta só um dia? Não, Diana faltam dois, ainda.

DIANA - Você não pode contar o dia de depois de amanhã. O casamento é de amanhã cedo. É a tarde de hoje e o dia de amanhã. Praticamente um dia só.

- NADINHO - Meu Deus, como passou depressa! É já depois de manhã às oito horas!
- DIANA - Quando é que você está pensando dizer a ele? À tarde ou à noite?
- NADINHO - À tarde, antes dele sair para atender o serviço do Banco.
- DIANA - Eu vou pedir a Deus que você seja feliz e inspirado nas palavras que vai dizer, para que o choque do coltado não seja assim tão grande.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- DINAH - Eu não sei o que está se passando no caso do doutor Hermes que todo mundo anda diferente lá.
- LINDAURA - Como diferente, Dinah? Diferente em que sentido? Explica-te.
- DINAH - Tá todo mundo aéreo... ninguém fala com a gente direito... Ninguém sabe uns dos outros. Eu deixei umas caixas lá para resolverem se queriam as mercadorias e foi uma briga para tornar a me encontrar com elas. Ninguém sabia onde estava, um empurrava o outro e até que o Reginaldo se deu conta de que guardara as benditas caixas no armário dele. Vou te dizer que me deram um susto tremendo.
- LINDAURA - Que será que está acontecendo lá, Dinah? Você precisava descobrir. É tão chato as coisas estarem acontecendo e a gente não saber de nada... Chega a ser humilhante.
- DINAH - Mas como é que eu vou descobrir se pergunto a todo mundo e ninguém sabe nada? Afinal eu não posso botar um revólver no peito das pessoas e exigir. Conta ou morre. Ou você acha que posso?
- LINDAURA - Ah não é caso de revólver, Dinah. É caso de astúcia. Caso de habilidade Garanto que si eu fosse lá, tanto quanto você vai, com a minha argúcia já tinha descoberto qualquer coisa. Não digo tudo, mas uma parte eu tinha.
- DINAH - Um comentário que anda correndo às soltas pela cidade é que a Heloísa vai casar com um viúvo e que a família está muito aborrecida porque não faz gosto no casamento.

LINDAURA - Bem, mas o fato de não fazer gosto, não deve alvoroçar a família toda e até os empregados, como você diz que está acontecendo lá. E além do mais, Heloisa não é uma menina ingênua e sabe perfeitamente o que faz, portanto quer me parecer que está havendo um certo exagero por parte dos meus amigos.

DINAH - Um certo? Um exagero tremendo. Afinal por que se opõem ao casamento, se é verdade que se opõem? Ao fato da homem ser viuvo? E talvez um tanto mais velho do que ela? Mas cá para nós, Lindaura, que ninguém nos ouça: eles não estavam em situação de poder escolher muito e ela menos ainda, não lhe parece?

LINDAURA - Claro. Quem é que não está sabendo que Heloisa pintou e bordou nesta cidade, de dois anos para cá? Não, Dinah, eu estou em dizer que o motivo deve ser outro. Na próxima semana vou fazer uma visita ao Hermes, no Banco, e você vai ver como vou descobrir tudinho!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Papai, trago-lhe, finalmente, a notícia que o senhor tanto deseja *vs saber*

HERMES - Você vai me dizer que sua irmã desistiu de casar-se?

NADINHO - Não, papai, infelizmente não. Ela vai se casar depois de amanhã, *cedo*

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

HERMES - (SUFOCADO) Depois... depois... (ARQUEJA)

NADINHO - (SUSTO TREMENDO, SUBINDO ATÉ GRITAR) Velho... velho... que é isso... Velho... velho, atende... Não faz assim, Velho!... velho... Meu Deus! Que faço agora?!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o quinquagésimo oitavo capítulo da novela "Meu Pai, qual o caminho certo" que teve a interpretação dos seguintes elementos (LEIA RELAÇÃO)
Ouça amanhã, na Rádio Gaúcha, mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - ENCERRAMENTO.

- Novela de Erico Cramer -

599 CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABRITURA

LOCUTOR - Ao findar o quinquagésimo oitavo capítulo desta novela, deixamos Nadinho e o doutor Hermes, no quarto deste, à noite, onde o rapaz fora procurar o pai para levar-lhe uma notícia má, que ele há muito estava esperando, mas que não desejava que chegasse. E foi mais ou menos nesse ponto que o capítulo foi encerrado. Digamos um pouco do final anterior, para podermos dar prosseguimento à estória.

10.11.
20.11

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME.

NADINHO - Papai, trago-lhe, finalmente, a notícia que o senhor tanto desejava saber.

HERMES - Você vai me dizer que sua irmã desistiu de casar-se?

NADINHO - Não, papai. Infelizmente, não. Ela vai se casar, depois de amanhã, bem cedo.

OPERADOR - EXPLOSIÃO MUSICAL - A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR

HERMES - (SUFOCADO) Depois... depois... (ARQUEJA)

NADINHO - (SUSTO TREMENDO, SUBINDO ATÉ GRITAR) Velho... velho... que é isso?... Velho... velho... estende... Não faz assim, velho... Velho... (CAINDO) Meu Deus!... Que faço agora?...

HERMES - (SUFOCADO) Nadinho... depressa... o doutor...

NADINHO - (GRITANDO, DEBILITADO) Mãe! Heloisa!... Depressa!... Reginaldo, chame o doutor com urgência!...

R/REGINA - PASSOS DE EUGÊNIA APROXIMANDO CORRENDO

EUGÊNIA - (CHEGANDO, NERVOSA) Meu filho, que foi? Que aconteceu?

NADINHO - O pai... o pai...

EUGÊNIA - (GRITANDO E CHORANDO) Hermes... meu querido, que foi? Depressa, chame o médico!... calma-se, meu bem. Eu vou ver uma dose de remédio para você.

R/REGINA - PASSOS DE EUGÊNIA QUE SE AFASTAM CORRENDO

NADINHO - Velho, te guente af um pouquinho, velho. Te guente que o Reginaldo já tá chamando o médico e não foi buscar um remédio. Va-

mas, respira-fundo, não te afolta, velho. Eu te ajudo, vamos.
Tente respirar junto comigo assim: (RESPIRA FUNDO E ASPIRA) Vá
mo vê. Faz um esforçoinho.

C/REGRA - PASSOS DE EUGÊNIA SE APROXIMANDO, CORRENDO.

EUGÊNIA - Pronto. Está aqui o remédio. Preparei uma dose dupla. Beba que
vai lhe fazer bem. Ajude, Nadinho. Levante bem devagar a cabeça
de seu pai, enquanto eu dou o remédio para ele tomar. Abra a
boca, vamos. Assim. Agora vá engolindo devagarinho para não se
engasgar.

C/REGRA - PASSOS DE HONORÉ QUE SE APROXIMA LIGEIRO.

HONORÉ - Falei com o doutor mesmo. Ele já vem. Dentro de cinco minutos
estará aqui. Mandou que desse uma dose dupla do remédio do co-
ração, dona Eugênia.

EUGÊNIA - É exatamente o que estou fazendo. ~~xxxxxxxx~~

HONORÉ - Posso ajudar em alguma coisa?

EUGÊNIA - Vá para a porta esperar o doutor. Assim ele entra direto e não
se perde tempo.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA EM TERCEIRO PLANO.

EUGÊNIA - Olhe, deve ser ele. Vá depressa atendê-lo.

OPERAÇÃO - CORTINA MUSICAL DE AUGUSTIA.

NADINHO - A senhor, não quer deitar um pouco, mãe? aproveite que Márcia
está cuidando do pai e vá descansar. Amanhã a senhora vai ter
que cuidar dele o dia todo.

EUGÊNIA - Não, meu filho eu não quero. Adiantaria pouco ir me deitar por
que não conseguiria dormir. Assim prefiro ficar aqui sentada.
Qualquer coisa que seja precisa, é mais fácil levantar da pol-
trona do que da cama.

NADINHO - Mas não vai ser preciso nada, agora. O pai já está calmo, o mé-
dico deixou-o bem medicado... Márcia não se descuide, a senhora
já sabe... Pode descansar um pouco o seu espírito e o corpo tam-
bem. Ela vai ter uma noite calma, tudo está indicando.

EUGÊNIA - Eu sei, meu filho, mas a aflição não se deixa deitar, entende?

NADINHO - E se a senhora tomasse um calmante para dormir?

EUGÊNIA - Não, não Nadinho, por favor. Não me deen calmentes. Eu não que

ro dormir. Quero estar atenta. Não importa que as previsões sejam boas mas eu prefiro estar atenta. Você esteve com êle; não foi? Que aconteceu, verdadeiramente?

NADINHO - O que aconteceria a qualquer momento se que êle soubesse o que soube.

EUGÊNIA - A data do casamento da filha; não é isto? Eu calculei. Quer dizer que é breve, pelo que posso deduzir?

NADINHO - Depois de amanhã. (BAIXA O TOM) Na Igreja da São Sebastião, bem cedo. Foi o que Doquinha disse à Diana, ontem.

EUGÊNIA - E será que agora, depois do que aconteceu, ele vai ir se casar, da mesma maneira?

NADINHO - Não sei. Acho que depois vou conversar com ele sobre isto. Pode ser que, pelo menos, o casamento seja adiado.

EUGÊNIA - Eu acho que Márcia vai suspender tudo, até segunda ordem. Não acredito que ele seja do cabeçaire do pai, num momento destes.

NADINHO - Bem, mãe, a gente não sabe as exigências do cara. Ele pode concordar em adiar e pode achar que o negócio tem que se realizar da mesma maneira. Nesse caso o que é que ele pode fazer?

EUGÊNIA - Bater pé e dizer que não caso. O que é que êle podia fazer?

NADINHO - O que é que êle podia fazer?! A senhora ainda pergunta o que é que êle podia fazer? Mas nem queira saber do que aquele sujeito é capaz, mãe. Não convem enfurecer um cara como êle. Beto é frio, é calculista, não tem um pinga de coração e a vingança é a sua arma preferida. E Márcia já viu que êle é assim e por isso o respeita. Estou certo de que ela vai procurar convencê-lo, a qualquer preço, mas se não conseguir... terá que se sujeitar às exigências dele.

EUGÊNIA - Ah, Nadinho e foi você que trouxe um rapaz desses para dentro de sua casa, criando todas as dificuldades que agora estamos enfrentando.

NADINHO - É mesmo, mãe, tem razão. O culpado de tudo fui eu. Deus que me perdoe e me permita sair desse trem horroroso o mais depressa possível.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Ele virá logo à noite para falar com você no jardim, não é? Você já pensou no que vai dizer a ele, Márcia?

MÁRCIA - Não posso pensar, Heloisa. Não tenho capacidade para pensar, entende? Os acontecimentos que se têm desenrolado nestes últimos dias trazem-me a cabeça tonta e eu não consigo coordenar as ideias. Além disto, Heloisa, estou cansada, muito cansada. Eu não tenho mais forças para lutar, não tenho mais coragem para reagir a coisa alguma que me aconteça. Estou num ponto que aceito, com a mesma impassibilidade, as coisas ruins e as coisas boas que me possam acontecer. Por aí você pode ver.

HELOISA - Mas você não pode se entregar assim, Márcia, não pode. Você tem que reagir; você precisa reagir. Onde é que se viu alguém se entregar sem lutar? Assim só procedem os covardes e você não é covarde, Márcia, pelo contrário. Você é uma criatura valerosa como poucas. Pense no que vai dizer a ele, logo à noite e insista em protelar o casamento. Eu, por minha vez, já deixei Beto de sobre aviso e estamos dependendo de vocês. Do que vocês resolverem.

MÁRCIA - Do que Beto resolver, porque dele é que vai ser a última palavra. E si ele quiser casar assim mesmo, meu sofrimento vai ser dobrado, Heloisa, porque além do meu desgosto íntimo de ter que me entregar a um homem sem amá-lo, o desespero de deixar meu pai, sem poder imaginar o que lhe acontecerá nos dias que se sucederem ao do meu casamento.

HELOISA - Por isso mesmo acho que você precisaria convencer Beto a esperar um pouco mais. Você já imaginou o remorso que poderá sentir, se, em consequência do seu casamento, papai possa subumbrir?

OPERAÇÃO - EXPLOÇÃO MUSICAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

MÁRCIA - Cale-se, por favor, Heloisa. Não pense numa coisa dessas.

HELOISA - Tenho que pensar, por que não? E você também deve pensar. No estado ~~em~~ que ele está, presentemente, qualquer desgosto, por menor que seja, pode ~~de~~ ser fatal. E você não poder fugir a essa responsabilidade. É isto, precisamente, que você tem que fazer ver ao Beto. Ele terá que considerar a situação em que coloca você pa

rante sua família. Todos poderão acusar você. E o que você vai alegar em sua defesa? Que ele não quiz? Mas essa desculpa nós não vamos aceitar, querida. Ninguém vai aceitar. Portanto, sacuda o desânimo dos seus ombros, levante-os, olhe para cima e toque para a frente. O negócio é fazer frente à fera e lutar contra ele, se for preciso.

MÁRCIA - Eu não quero ser acusada se acontecer alguma coisa ao meu pai, não quero.

HELOISA - Mas será acusada, Márcia. Pode contar certo que será. Por isso você tem que lutar e fazer frente ao Beto. Eu poderia me oferecer para falar com ele em seu lugar, mas acho que você tem mais responsabilidades de convencê-lo do que eu. Nós não nos quadramos, você sabe; ele levanta a voz eu levanto mais alto do que ele e em poucos momentos já estamos brigando. O verdadeiro, o aconselhável, é você mesma falar.

MÁRCIA - Está bem, Heloisa. Com tantas coisas que você me disse, acabou por me convencer a falar com Beto. Queira Deus que as coisas que eu disser a ele também o convençam.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - (FRACO, OFEGANTE) Que horas são, Eugênia?

EUGÊNIA - Quasi quatro querido. Você dormiu um bom soninho, assim descansa um pouco, que é exatamente o que você precisa.

HERMES - (SEMPRE OFEGANTE E FRACO) E Márcia? Onde está Márcia? Por que não está aqui perto de mim?

EUGÊNIA - Ela não demora, querido. Foi tomar café. Não almoçou, estava se sentindo muito fraco e eu lhe fiz ver que era falta de alimento.

HERMES - Eugênia, eu desejo lhe fazer um pedido que para mim é muito importante.

EUGÊNIA - Um pedido, Hermes? Faça. Se estiver ao meu alcance atendê-lo...

HERMES - Está. Eu sei que está. Sabe o que quero? Que você chame o Reginaldo para falar comigo e deixe-nos a sós.

EUGÊNIA - Meu querido, você não pode estar se preocupando com coisa alguma. O doutor já lhe avisou. Deixe esse assunto com o Reginaldo para amanhã, quando você, certamente, já estará mais forte.

HERMES - Não, não... amanhã não... tem que ser hoje, Eugênia. Por favor, tem que ser hoje.

EUGÊNIA - Você não está em condições de ficar conversando muito tempo. Agora mesmo já falou demais. Veja se torna a dormir para descansar que é o que você precisa, meu bem.

HERMES - Não. De momento, nada eu preciso tanto, como falar com Reginaldo. E vou lhe dizer que não descançarei enquanto não o fizer.

EUGÊNIA - Bem... se você insiste tanto assim... Mas a responsabilidade do que possa acontecer vai ficar inteira com você, ouviu? Eu não quero, depois, que os médicos e os nossos filhos possam me acusar. Vou chamar Reginaldo.

HERMES - E fique... lá por dentro, até eu chamar, por favor. O assunto que vamos falar, é grave e reservado.

O/REGIA - PASSOS DE EUGÊNIA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

HERMES - Si eu não puder... falar com Reginaldo... vai ser muito pior... para mim... eu preciso... eu preciso... eu preciso falar com ele... o quanto antes... Ele está demorando... eu... eu estou... tão aflito... Por que... tanto demora... por que?..

C/REGIA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE APROXIMAM.

HERMES - Ah, parece que ele aí vem... finalmente...

REGINALDO - Pronto, patrão... estou aqui... o senhor queria falar comigo?

HERMES - Sim. Estamos sósinhos, Reginaldo?

REGINALDO - Sósinhos, sim, doutor Hermes. Pode falar que ninguém mais nos ouve.

HERMES - Reginaldo... amanhã... é o casamento, tu sabes...

REGINALDO - Sei, sim senhor.

HERMES - Tu sabes... o que eu te fazer... para impedir... não sabes?

REGINALDO - Sei, sim senhor. O senhor me falou por mais de uma vez.

HERMES - Pois bem, Reginaldo, eu queria... eu queria saber se tu terias coráge, de fazer... o trabalho... por mim.

OPERADOR - EXPLOSIÃO MUSICAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

REGINALDO - Si eu teria coráge? Patrão, eu lhe digo que sim.

OPERADOR - REPETE A EXPLOSIÃO. A MÚSICA FICA VIBRANDO.

HERMES - Então... terá que ser... amanhã de manhã... na Igreja de São...

Sebastião... Bem cedo, Reginaldo, ouviste? Bem cedo...

REGINALDO - Eu sei. Eu sei. Pode ficar descaçado que eu estarei lá bem cedo.

HERMES - O negócio... tem que ser feito... antes, entendeste bem?

REGINALDO - Entendi, sim senhor. Descanse que às seis da manhã eu já estarei lá para o que der e vier.

HERMES - Não temas... as consequências... porque... porque eu... assumirei... toda... a responsabilidade.

REGINALDO - Não se preocupe com isto. O principal é que o trabalho seja feito e eu lhe asseguro que será.

HERMES - Obrigado, Reginaldo... muito obrigado... eu sabia... que podia... contar contigo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Será que Eugênia vai poder nos receber? Naturalmente ela deve estar na cabeceira do marido. Talvez mande Heloisa, quem sabe?

LINDAURA - Se vier Heloisa você não faça nenhuma pergunta porque não adianta. Ela se fecha em copas e responde a todas as coisas com evasivas. Chata como só ela.

DINAH - Eu fazendo perguntas, hein? Se você não fizer, eu mesma é que não vou fazer.

LINDAURA - Por que você diz isso? Você quer dizer que eu pergunto mais do que você? Olha minha filha, eu vou dizer pra você que entre nós as duas a corrida é braba. Não fica bancando a inocente, não, porque o negócio aqui é tão bom como tão bom. Não tem melhor. Seja corajosa, como eu e confesse que as duas não prestamos. Somos fofoqueiras mesmo no duro.

DINAH - Fofoqueiras? Credo, Lindaure, eu não me considero fofoqueira.

LINDAURA - Ora tira o teu cavalo da chuva, Dinah. Que adiante tu não te considerares, se outros te consideram e na verdade tu és? Pra que estás aqui, sinão pra saber o que aconteceu? e comentar?

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE APROXIMAM

REGINALDO - A dona Eugênia manda agradecer muito a visita das senhoras e manda pedir desculpas de não poder aparecer, mas ela está à cabeceira do marido e não quer se afastar nem um instante.

Diz que conta com a compreensão das senhoras.

LINDAURA - Mas naturalmente que ela tem a nossa compreensão, Reginaldo. Nem poderia ser de outra maneira. Nós talvez nem devêssemos vir.

DINAH - É claro. Deveríamos ter telefonado, mas acontece que a gente fica aflita e gosta de vir se oferecer; não é mesmo?

REGINALDO - Obrigado, dona Dinah. Eu agradeço o oferecimento em nome de dona Eugênia e direi a ela desse gesto das senhoras.

LINDAURA - Diga mesmo. E si ela precisar de nós para qualquer coisa, já sabe: é só telefonar que em cinco minutos estaremos aqui.

REGINALDO - Ele sabe, mas em todo o caso eu direi isto a ela.

DINAH - Ele está fora de perigo; não está Reginaldo? Pelo menos foi o que nos disseram.

REGINALDO - Bem, a gente não pode ter lá muita certeza. A senhora sabe como são essas coisas de coração. O doente está bem e de repente...

LINDAURA - Ah isso é. O coração é tremendamente traiçoeiro. Mas ele se aborreceu? Ele se incomodou? O que foi que houve?

REGINALDO - Absolutamente nada. Madrinho foi ao quarto para conversar um pouco com ele e ao chegar já o encontrou atropalhado. Gritou logo por nós e em menos de dez minutos já o doutor estava aqui.

DINAH - Talvez seja tenha sido a rapidez do atendimento que evitou o desfecho; não é mesmo?

REGINALDO - Bem, se não evitou, pelo menos colaborou bastante. Ele foi atendido com muita presteza. E só depois que ele já estava bem é que o doutor se retirou.

DINAH - Bem, Lindaure, nós estamos prendendo o Reginaldo e ele deve ter muito que fazer. Vamos andando?

LINDAURA - Vamos, sim. Reginaldo, não esqueça, então, de dar os nossos regards à Eugênia, ouviu?

REGINALDO - Não senhora, não esqueço, pode ficar descansada que ela os receberá.

DINAH - Só uma perguntinha antes de sair, Reginaldo: quando é o casamento? Já está marcado?

REGINALDO - Ah acho que a senhora está enganada, dona Dinah. Pelo menos

que eu saiba, por enquanto não haverá nenhum casamento.

LINDAURA - (SEVERA) Dinah, vamos andar, Dinah. Você não podia deixar de fazer uma perguntinha, não é? Depois... eu é que sou a fofocqueira. Boa tarde, Reginaldo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DIANA - Você acha que ele não vai querer transferir o casamento? Mas isto é um absurdo, Nadinho. Ela não deve nem consultá-lo. Deve, simplesmente, avisá-lo que o casamento não se realizará e pronto. Si ele ficar zangado que se dane.

NADINHO - Diana, você sabe que o Beto não é homem a quem se possa simplesmente mandar avisar que se alterou uma coisa que ele espera. O Beto é homem de represálias e justamente porque sabe disto é que Márcia não quer fazer nada precipitadamente. E faz muito bem, para evitar incomodos maiores.

DIANA - Nadinho, si Márcia me permitisse eu iria falar com Beto sobre este assunto. Ia fazer ver a ele que ele não tem o direito de aumentar a aflição de coitada, numa hora dramática como esta que ela está vivendo. Que ele precise respeitar a angústia e a aflição de Márcia.

NADINHO - Não, Diana, eu não desejaria que você se aproximasse mais daquele homem. Não se preocupe por Márcia porque ela saberá se defender. Hoje à noite eles vão ter um encontro e certamente vão conversar sobre o assunto. Inda não conversaram, a gente não sabe o que irão resolver. Simplesmente estamos arriscando palpites. Quem sabe si ele não vai nos surpreender com a sua inesperada concordância? Vamos aguardar e não precipitar as coisas. Amanhã saberemos.

DIANA - Amanhã será tarde de mais. Precisaríamos saber hoje ainda. Em tempo de fazer alguma coisa se fosse preciso.

NADINHO - Não poderíamos fazer nada, Diana, convença-se disto.

DIANA - É, desgraçadamente não podemos fazer nada. E acho que é por isto que eu estou frenindo de ódio. Beto me ensinou uma coisa, Nadinho. Eu não sabia que era capaz de odiar. Agora sei.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

VOZ - (CHEFE) - Alguma novidade Doquinha? Não é mais amanhã o casamento?

DOQUINHA - Deve de sê amanhã, sim sinhô. Temo tudo insperando.

VOZ - Nesse caso, o que te trouxe aqui?

DOQUINHA - Vim dizê pro sinhô que adiscubri adonde que êle insconde o dinheiro. Fiquei toda a noite de ôio lerta, mas adiscubri. Fiquei disbeixo da inscada incuida, no inscuro, o sinhô sabe eu sô um tição, inscuro com inscuro, êle nem me viu e vi tudinho que êle fêiz.

VOZ - Conta, conta. Eu já estou aflito pra saber.

DOQUINHA - Pois ôis, foi assim: eu me incuí em beixo da inscada e ali fiquei. Onze hora, meia noite, uma hora da minhã e nada. Os meus ôio marcado já se fechava embora que eu num queresse. Quando foi quegi a zuma e meia êle chegô. Eu abri os farô e fiquei que ta, incuida ali adonde que eu tava. Êle tirô o casaco, butô bibi de num copo, tomô um gôl e foi direito a um armário que tem no lado da parede e arredô êle. Aí apareceu um cófro na parede. Ele arregulou uma medeia que tinha lá na tampa do cófro, troceu ela pra direita, troceu pra insquerda, tornô a trocê pra direita e abriu o cófro. Nossa, Chefe, eu cheguei a ficã biruta de tanto dinheiro que eu vi. Aí êle tirô um maço grossão assim, dividiu êle em doi pedaço, botô um pedaço em dada bôrso de carga, fechou o cófro e subiu pra se deitá, dispois de butá o armário otra vêiz no lugá. Hoje de minhã, dispois que êle saiu, eu fui vê se abria o cujo mas num acertei. Rodel que ax nem êle, mas num dientou.

VOZ - Não adianta, mesmo. O segredo tem os números certos. Mas a gente dá um jeito de abrir. Amanhã, de Igreja nós itemos diretamente pra esconderijo e eu vou tentar abrir o cofre. Aí a gente divide o dinheiro e tira.

DOQUINHA - Qué dizê que dispois de amanhã eu ~~xxxxxxx~~ já posso sê patrona?

VOZ - Espero que sim. Vamos ver. Bem, Doquinha, volta agora para o teu lugar que eu vou fechar a casa porque tenho que sair. Tenho que tomar algumas providências para amanhã.

OPERador - CORTINA MUSICAL

S/REGRA - CA' PAIXÃO DE PORTA DE RUA, TOCA DUAS VEZES, DISCRETAMENTE.
PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM. RUÍDO DE CHAVE E PORTA
QUE SE ABRE.

FERNANDO - (MEIA VOZ) Boa noite.

REGINALDO - Boa noite... Que deseja?

FERNANDO - (MEIA VOZ) Sou eu, Reginaldo. Não me reconhece?

REGINALDO - Meu Deus!... É você, criatura?!...

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL: A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO

FERNANDO - Sou eu, sim, Reginaldo. Precisei que você me escondesse. Recebi a carta de Márcia, fiquei desesperado e resolvi arriscar tudo. Mas não tenho onde me esconder, entende? e não quero ser preso antes de falar com ela.

REGINALDO - O doutor Hermes está doente, compreende? Teve uma crise de coração. Mas eu não posso abandonar você. Vá lá para o quartinho do jardim e fique esperando. Mais tarde eu levarei a cama de campanha e um lanche para você.

FERNANDO - E ela, Reginaldo? Que está acontecendo? Diga, por favor.

REGINALDO - Ela está na cabeceira do pai. Sabe como ela é louca por ele, não sabe? Desde que isso aconteceu que não se afasta de lá.

FERNANDO - Mas você vai dizer a ela que eu estou aqui, não vai Reginaldo?

REGINALDO - Por favor, é melhor que vá de uma vez para o quartinho do jardim, antes que o descubram aqui. A qualquer momento pode chegar o médico, ou mesmo uma visita para o doutor Hermes e não convém que o vejam. Pode ocasionar uma séria complicação e nós já temos tentas que não queremos mais nenhuma.

FERNANDO - Mas você vai lá em seguida para conversar comigo e dizer-me tudo que está acontecendo?

REGINALDO - Em seguida não creio que possa, mas de qualquer forma irei, nem que seja mais tarde para dar um jeito nas suas acomodações. Vá, onde.

FERNANDO - Ah vou, mas espero que ao menos você avise a Márcia que eu estou lá.

C/REGRA - FECHEM A PORTA E PASSAM A CHAVE.

REGINALDO - (DEPOIS DA PAUSA, DESESPERADO) E agora, meu Deus?! O que é que eu faço?!...

OPERADOR - FAZENDO MENTR

- NOVELA DE ERICO GRAMER -

602 CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o quinquagésimo nono capítulo desta novela, deixamos Fernando e Reginaldo no porta da rua da casa do doutor Hermes, onde o rapaz batera para solicitar a Nadinho - seu antigo companheiro de aventura - uma hospedagem clandestina no quarto do jardim onde ele já estivera escondido, ao lhe ser dada fuga da prisão. E o diálogo entre eles foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME.

FERNANDO - E ela, Reginaldo? Que está acontecendo? Diga, por favor.

REGINALDO - Ela está na cabeceira do pai. Sabe como ela é louca por ele, não sabe? Desde que isso aconteceu que não se afasta de lá.

FERNANDO - Mas você vai dizer a ela que eu estou aqui; não vai Reginaldo?

REGINALDO - Por favor, é melhor que v^o de uma vez para o quartinho do jardim, antes que o descubram aqui. A qualquer momento pode chegar o médico, ou mesmo uma visita para o doutor Hermes e não convém que o vejam. Pode ocasionar uma séria complicação e nós já temos tantas que não queremos mais nenhuma.

FERNANDO - Mas você vai lá, em seguida, para conversar comigo e dizer-me tudo que está acontecendo?

REGINALDO - Em seguida não creio que possa, mas de qualquer forma irei, nem que seja mais tarde, para dar um jeito nas suas acomodações. V^o, onde.

FERNANDO - Eu vou, mas espero que ao menos avise a Márcia que eu estou lá.

G/REGRA - FECHAR PORTA E PASSAR CHAVE.

REGINALDO - (DEPOIS DE PAUSA, DESHESPERADO) E agora, meu Deus, o que é que eu faço?!... Devo dizer a Márcia, ou silenciar? Se disser, vou criar para a pobresinha uma situação verdadeiramente difícil... Difícil porque a presença dela acordará, automaticamente, nela,

10. 11.
20 11

todo aquele amor que ele tem procurado abafar e esquecer, para não sofrer tanto. Se calar, estarei, talvez, colaborando para conduzi-lo ao patíbulo onde serão mortos a sua esperança, a sua fé e o seu imenso amor.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE APROXIMAM.

NADINHO - (CHEGANDO) Ué, Reginaldo, o que é que você está fazendo aqui parado junto à porta da rua? Quem foi que... (TRANSICÃO) Reginaldo, você está pálido! Parece que viu assombração? Que aconteceu, homem? Você está sentindo alguma coisa?

REGINALDO - Nadinho... eu não vi assombração, mas a pessoa que eu acabei de ver aqui, causou-me o mesmo impacto que me teria causado uma alma do outro mundo. Você sabe com quem eu acabei de falar aqui, nesta porta?

NADINHO - Como posso saber? Nem faço ideia. Diga logo.

REGINALDO - Esteve aí, falando comigo, agora, o Fernando, seu amigo.

OPERADOR - EXPLOSÃO MUSICAL DE SUSTO. A MUSICA FICA VIBRANDO NO AR.

NADINHO - O Fernando?!... Mas como?!... Esse rapaz está louco? Que aconteceu; ele não disse?

REGINALDO - Sentiu, pelas cartas de Márcia, que estava acontecendo alguma coisa de muito grave e se mandou sem olhar conseqüências.

NADINHO - Fernando enlouqueceu? Ele não sabe, inclusive, que está correndo o risco de ser mandado matar pelo Chefe ou até mesmo pelo Beto? Beto não deve saber, Reginaldo.

REGINALDO - ~~XXX~~ Claro que não deve saber. Mas não é ele que está me preocupando, no momento; é Márcia. Ela é que eu não sei se deve ou não deve saber.

NADINHO - Meu Deus, que confusão!... Agora, sim. Agora é que a confusão foi geral. Eu também estou sem saber se Márcia deve ou não deve saber. Para onde ele foi; não disse?

REGINALDO - Ele está no quartinho do jardim. Pediu para ficar escondido ali até que tenha falado com Márcia. Depois não se importa pelo que lhe possa acontecer.

NADINHO - No quartinho do jardim? Eu vou lá conversar com ele.

REGINALDO - Espere. Leve-lhe alguma coisa para comer. Ele acabou de chegar de viagem, deve estar ~~mas~~ com fome. Vamos lá na copa que eu já preparo café na garrafa termal e uns sanduiches para você levar. Depois eu levarei a cama de campanha e as cobertas para que ele passe a noite. Talvez seja até conveniente que ~~o~~ você fique por lá conversando, para distraí-lo, até que Beto tenha conversado com sua irmã, no jardim e tenha ido embora. Já pensou si ele chega a vê-los, o que poderá acontecer? Nem é bom lembrar.

NADINHO - É, sim, tem razão, Reginaldo. Eu vou para lá conversar com ele e fico até a hora de Beto se retirar. Ele hoje não deve demorar. Além de que está muito frio, Márcia vai querer voltar logo para junto do velho. Vamos logo preparar o lanche do Fernando, que eu já estou aflito para falar com ele.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

FERNANDO - Ah é você, Nadinho? Pensei que fôsse Márcia. Estou aflito para falar com ela.

NADINHO - E por-que está aflito para falar com ela, nem sequer me pergunta como eu vou?

FERNANDO - Desculpe, Nadinho, foi, em verdade, uma falta minha, mas vê-se que você está bem, apesar de tudo.

NADINHO - Estava bem. Agora, com a sua chegada, fiquei completamente confuso e descontrolado. Que aconteceu? Por que você está aqui?

FERNANDO - Eu não aguentava mais a minha angústia, diante das cartas que Márcia me escrevia. Eram tão tristes, tão desanimadas, tão ~~ex~~razantes ~~que~~ eu resolvi arriscar a pele e vir constatar pessoalmente o que estava acontecendo.

NADINHO - Mas na situação em que nos encontramos, todos, você queria que Márcia lhe escrevesse cartas alegres, Fernando? Não era possível. Pelo menos eu penso.

FERNANDO - Eu não digo cartas alegres, Nadinho, mas menos desesperadas. Afinal, si ele estava sofrendo a minha ausência, eu também estava sofrendo a ausência dela. Portanto...

- NADINHO - Mas você não vai querer comparar a sua resistência com a da minha pobre irmã. Você é um homem já caldeado pela vida e pelas lutas, ela, pobresinha, agora é que começou a enfrentar o mundo e as suas adversidades. É muito diferente. Mas deixe-mos isso de parte e falemos de você. Quais os seus planos?
- FERNANDO - Não tenho planos, Nadinho. Tenho é dúvidas, incertezas, desconfianças terríveis. O coração me segredar coisas amargas e eu a querer recusar as suas constantes insinuações, mas as cartas de Márcia, em vez de dar-me forças, mais e mais aumentavam as desconfianças e houve um momento em que eu não pude mais aguentar a pressão e resolvi acabar com tudo. Vim, arriscando tudo. Não importa o que possa acontecer. Quero é a certeza de que Márcia ainda me quer e espera um futuro, próximo ou distante, ao meu lado. O resto não importa. Que eu seja descoberto, que eu seja prêso, que eu seja maltratado, que eu seja condenado a um exílio perpétuo, nada, nada importa, desde que eu saiba que ela ainda me ama, que ela ainda me quer.
- NADINHO - Você falará com ela, possivelmente, amanhã e então...
- FERNANDO - (CORTA) Amanhã, ainda? Sómente amanhã? E por que não hoje, Nadinho? Por que ainda hei de esperar uma porção de horas, na tremenda angústia em que estou? Não, não... isso é demais e eu não posso aguentar.
- NADINHO - Papai não permite que ela se afaste um só instante do lado dele. De madrugada, quando o sono consegue vencê-lo, é que ela pode sair para descansar um pouco. É quando mãe retoma o lugar dela. Mesmo assim, no que se acordar, ele já pergunta por ela. Pode ser que você tenha sorte, ele durma mais cedo e ela então possa vir. Do contrário, só de manhã cedo você vai poder vê-la e falar-lhe.
- FERNANDO - Vai ser uma noite terrível para mim, si ela não vier.
- NADINHO - Vamos ver... pode ser que Deus lhe ajude. Mas conte-me o que estava fazendo, como estava vivendo lá no Uruguay?
- FERNANDO - Trabalhando de recepcionista de um hotel de segunda classe, mas estava satisfeito. Gente muito amiga, muito camarada, Pa-

refeição e logo casaríamos, entende?

BETO - Mas não é possível transferir um casamento nesta altura, Márcia. Está tudo marcado, tudo preparado, juiz avisado, padre avisado... Como desfazer tudo isto a esta hora da noite? Você tem que entender que não é possível.

MÁRCIA - Não, Beto, você é que precisa entender que não é possível afastar-me de papai, agora. Seria o mesmo que matá-lo, compreenda.

BETO - Mas isso é um transtorno enorme para tudo que se imaginou, para tudo que se preparou.

MÁRCIA - Mas ninguém tem culpa do que aconteceu, Beto. Nada foi premeditado. Simplesmente aconteceu. Foi talvez a vontade de Deus e então não nos resta outra alternativa senão curvarmo-nos a ela.

BETO - Que vontade de Deus, Márcia. Deus não se mete nessas coisas. Ele tem coisas mais importantes a cuidar.

MÁRCIA - Beto, por favor!... Eu estou pedindo a você! Eu não tenho coragem de abandonar meu pai no estado em que se encontra, para sair por aí em lua de mel com você. Já imaginou que companhia horrível a de uma mulher desesperada, nervosa, chorando desatinada? Agarrada a uma ideia fixa, sem capacidade de prestar atenção a nada que você dissesse, a nada que você quizesse? Não insista, Beto. Não insista até mesmo por você.

BETO - Puxe vida! É dureza isso que você está querendo que eu faça.

MÁRCIA - E o que você está querendo que eu faça não será maior dureza ainda? Se tivesse um pai a quem muito amasse, como eu ao meu, e o visse entre a vida e a morte, eu não acredito que você tivesse a coragem de abandoná-lo para correr atrás fôsse de quem fôsse.

BETO - E se nós transferíssemos o casamento, mais ou menos para quando ficaria?

MÁRCIA - Acredito que numa semana papai possa estar refeito. Seria esse o prazo, então. (PAUSA) Será que você vai me fazer o grande favor de concordar, Beto? Eu ficaria tão grata a você...

BETO - Não, não... não posso, não posso... Você está pedindo demais. Até agora eu procurei, sempre, fazer tudo de acordo com você, mas neste momento você está exigindo demais.

MÁRCIA - Quem está exigindo demais é você, Beto. O que você teima em querer que eu faça, está acima das minhas forças. Abandonar meu pai, no momento em que ele mais precisa de mim.

BETO - E quem me dirá que isso não seja um pretexto seu para não casar?

MÁRCIA - Oh, Beto, como é que você tem coragem de fazer um juízo desses de mim?! Eu não seria capaz de tal coisa. Faça-me justiça. Eu lhe dou o nome do médico que o atende. Você vá falar com ele; pergunte.

BETO - Desculpe, é que eu fiquei completamente transtornado, vendo os meus planos irem por águas abaixo.

MÁRCIA - Si eu pudesse me casar e continuar ao lado dele até que ele estivesse fora de perigo...

BETO - Ai está uma ideia. Com esta eu concordaria.

MÁRCIA - Com esta qual?

BETO - Com a ideia de casar e permanecer aqui para que você cuidasse de seu pai. Quando ele ficasse bom a gente se mandava.

MÁRCIA - Você concordaria em que nos casássemos e continuássemos como estamos até papai ficar bom?

BETO - Concordaria. Não é a fórmula ideal, mas em todo o caso é a melhor. Pelo menos, não teríamos, depois, que tratar de tudo outra vez, repetir a trabalhadeira toda que foi de organizar a papelada dentro de um certo sentido de segredo, como foi feito. Assim, amanhã cedo, conforme estava estabelecido, nós nos casamos e logo a seguir você volta para casa. Dentro de tres dias, quatro dias, ou o que for preciso, nós então vamos cumprir o programa estabelecido.

MÁRCIA - Está bem. De certo modo isso resolve a minha situação e eu lhe agradeço. Obrigada, Beto.

BETO - Passo aqui bem cedo para apanhar você. Busino aqui em frente e vou parar um pouco adiante; combinado?

MÁRCIA - Não é preciso nada disto. Saio com ^{Heloisa} ~~Márcia~~ já que Ewaldo vem buscá-la. Na Igreja nos encontramos. Ineso que assim até será melhor.

BETO - Quer dizer, então, que eu já vou direto?

MÁRCIA - Você não ache melhor? Pois se Heloisa tem que ir e o noivo vem buscá-la, o mais lógico é que eu vá com ela. Se formos surpreendidas as duas juntas, podemos dizer que vamos à primeira missa

e ninguém irá duvidar. Ao passo que uma sózinha, saindo de madrugada, pode dar o que desconfiar.

BETO - É, fica bem assim. Você vai com Heloisa, então e eu vou diretamente de casa para a Igreja.

MÁRCIA - Ninguém de sua família vai assistir o ato?

BETO - Eu não tenho ninguém aqui. É melhor, mesmo, que ninguém assista. Para falar a verdade, a minha família nunca se interessou por mim nem por nada que me dissesse respeito. Talvez por isso eu tivesse me criado tão revoltado.

MÁRCIA - É, deve ser. Bem, Beto, já combinamos tudo e eu vou voltar para junto de meu pai. Você me desculpe, sim? Eu estou aqui mas os meus sentidos estão todos lá.

BETO - Vá, então. Vá e até amanhã, na Igreja de São Sebastião, quando ~~serem~~ seremos declarados, finalmente, marido e mulher.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

HERMES - Heloisa... que horas são? O relógio bateu, há pouco, nove horas, mas eu dormi um pouco e perdi a noção... não sei se é nove horas da noite... ou da manhã...

EUGÊNIA - Não é a Heloisa que está aqui, meu querido. Sou eu, Eugênia. São nove horas da noite. Hora de você tomar um alimento. Que prefere? Um leite, um suco de frutas, ou quem sabe uma sopinha de legumes?

HERMES - Si tenho que tomar alguma coisa... acho que o mais fácil de tudo é o suco de frutas.

EUGÊNIA - Eu já sabia e por isto mesmo já tinha trazido o suco. Está aqui. Quer tomar?

HERMES - Daqui a um pouquinho mais, pode ser?

EUGÊNIA - Daqui a um pouquinho mais, mas não pode ser muito porque daqui a três horas você já terá que tomar outra coisa qualquer e quanto mais tarde, pior para você.

HERMES - (ATINANDO, DE REPENTE E TORNANDO-SE AFLITO) Eugênia, agora me lembrei... E Márcia? Onde está Márcia?... Por que já não está aqui, perto de mim?

EUGÊNIA - Porque foi jantar, coitado. Você não quer que ele se alimente? Não demora ele está aqui de volta.

HERMES - Você jura, Eugênia? Você jura que daqui a pouco ela estará de volta? Eu quero que você jure, eu quero.

EUGÊNIA - Mas é claro que juro e se você vai ficar aflito eu mando chamá-la imediatamente. Você quer que a chame?

HERMES - Não, não... se ela está mesmo jantando, eu espero.

EUGÊNIA - Claro que está jantando. Por que haveria de mentir a você?

HERMES - É que eu dormi... sabe? Dormi... e perdi a noção do tempo... então me parecia que ela já tinha saído...

EUGÊNIA - Saído para onde? Saiu do quarto, sim e deve estar na copa, jantando. Mas posto que se eu chegar lá e disser que você acordou, que ela deixa o jantar em meio e vem logo para junto de você.

HERMES - Não, não faça isto, não. Deixe-a jantar, coitadinha. Ela é uma filha excepcional, não é verdade, Eugênia?

EUGÊNIA - É verdade, sim. Filha excepcional e irmã extraordinária. Por isto, por ser ela tão boa irmã para os meus filhos, eu peço a Deus, todas as noites, que ela possa ser bastante feliz.

HERMES - Peça, sim, Eugênia, peça. Especialmente esta noite, peça.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DIANA - Como é que o doutor Hermes passou o dia, Reginaldo? Melhor?

REGINALDO - Melhor, sim. Estamos todos já com mais esperança de que a crise não se repita que era o grande receio do médico ontem ainda.

DIANA - E Nadinho, está lá no quarto com ele? Estou estreanhando que não me tenha vindo receber, como sempre faz.

REGINALDO - Nadinho está numa missão muito importante. (BAIXA O TOM) Está distraído Fernando, que chegou inesperadamente.

OPERADOR - ACORDE DE SURPRESA

DIANA - Chegou? Mas não é possível!... O que é que esse rapaz veio fazer aqui, exatamente agora?

REGINALDO - Pois é para você ver. Exatamente agora. Márcia não sabe, ainda e achamos, todos, melhor que não saiba até amanhã. Seria maior, ainda, o sacrifício dela, se soubesse; você não acha?

DIANA - Mas sem dúvida. Mas ele deve estar desesperado para falar com ela, não?

REGINALDO - Mas já está sabendo que Márcia só poderá falar com ela amanhã.

DIANA - E se conformou com essa ideia?

REGINALDO - Que remédio? Tinha que se conformar. Exatamente porque eles estavam muito desesperado, Nadinho foi conversar com ele para distraí-lo, evitando, assim, que saísse do quarto do jardim onde ele está escondido e surpreenda Márcia conversando com Beto no jardim.

DIANA - Ah, eles estão lá? Escutez e si eu fôsse ajudar Nadinho? Você acha que adiantaria?

REGINALDO - Talvez. Ele já conhece você; não conhece?

DIANA - Muito. Do tempo em que eu andava na companhia de Beto nas boates. Aliás, ele mostrava uma grande simpatia por mim e algumas vezes tentou chamar-me à realidade, mas eu não o estendi. Quando se está enamorada, a gente nunca ouve a voz de quem nos queira prevenir contra a pessoa que amamos.

REGINALDO - É, isso é, realmente, o que sempre acontece. Eu sei por experiência própria e por isto, hoje, sou um velho solteiro. Bem, mas se você quer ir acompanhar Nadinho, eu levo você até ao quarto do jardim onde eles estão. Venha por aqui.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE, BATENDO SEIS HORAS.

FERNANDO - Seis horas da manhã e eu não consegui dormir meia hora que fosse. Estou cansado, mas a aflição não me permite dormir. Será que avisaram à Márcia que eu estou aqui? Não creio. Não posso crer. Si a tivessem avisado ela teria vindo nem que fôsse por um instante. Não ser que não me queira mais e deseje esquecer-me. Reginaldo disse que às oito horas da manhã ela deveria vir. Faltam, ainda duas horas, portanto. É muito tempo. Muito tempo. (TOM) Ué, o que é aquilo que estou vendo? Um rapaz batendo com os dedos numa janela? Quem será? Que estará fazendo aqui a esta hora da manhã? Abriu-se o postigo da janela. Alguém fez um sinal. Parece-me Heloisa. Ele está descendo a escadaria. Parou em baixo. Meu Deus, que será isto? Eu não consigo atinar. (IMPETO) abriu-se a porta. Heloisa... (TOM) e Márcia! Heloisa e Márcia. Onde irão? Márcia parece que leva um rosário nas mãos. Devem ir à missa. Mas o rapaz, quem será? Deu o

braço e Heloisa. Por que os três a esta hora da manhã, assim juntos? Mal consigo me conter. O desejo que tenho é correr atrás deles e falar com Márcia, Mas não posso. não sei quem é o rapaz, não devo me arriscar. Reginaldo disse que ele viria às oito horas. O remédio é esperar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Credo, home! Inda nem num são seis e meia e o sinhô já que sai rua e fora em direção da Igreja? Vai chegá lá e vai in contrô ele fechada. E memo que teje abrida, vai tê munto que insperá intê as oito hora.

BETO - É que eu não posso conter a minha aflicção e então prefiro esperar lá do que aqui.

DOQUINHA - Agarrato que a noiva, nessa hora, é capaz intê de ainda tá dormindo.

BETO - Não está, não. Ela ia sair com Heloisa bem cedo para trocar de roupa na casa onde Heloisa vai morar. De lá, às sete e meia, saia para a Igreja.

DOQUINHA - O sinhô tá munto inlegente. Eu só vi ansim vistido como o sinhô, um grão fino que eu fui ispié o velório e ôle teve ansim drento do caixão.

BETO - Credo em cruz! Vai pra longe com êsse agouro. Bueno, eu vou pagá o auto e me vou. Tchau.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM.

DOQUINHA - Agora vou eu me perpará digero pra pegá o ônibu das sete, sinão eu num vô chegá lá a tempo de vê o que vai acuntecê.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RUIDO AINDA MEIO FRACO DE RUA.

BETO - (MONOLOGANDO, PARA SI MESMO) Bem, acho que eu já vou subir as tas escadas e já vou esperar lá dentro da igreja. Felizmente, a gona, faltam só quinze minutos para as oito, ela não deve demorar.

OPERADOR OU CONTRA REGRA - TRES TIROS DE REVOLVER A POUCA DISTÂNCIA.

BETO - (AO PRIMEIRO TIRO) (GEMIDO FORTE DE DOR) ahnnn!... Ah canelha... fôste tú?!... aí tens o trôco!

OPERADOR OU CONTRA REGRA - OUTRO REVOLVER, TRÊS OU QUATRO TIROS PERTO

ALARIDO DE GENTE, RÁPIDAMENTE E LOGO EM CIMA EXPLOÇÃO MUSICAL.

NOVELA DE ERICO CRAMER

61º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

10.11.
20/11

LOCUTOR - Ao encerrar o sexagésimo capítulo desta novela, deixamos Beto à frente da Igreja de São Sebastião, esperando a chegada de Márcia, que deveria vir casar-se com ele, ao mesmo tempo que Heloísa casava-se também com Ewald, seu noivo. Desde muito cedo Beto se postara à frente da Igreja, aguardando a hora de entrar no templo. Sua aflição era muita e ele, quinze minutos antes da hora marcada, resolveu subir as escadas e aguardar a noiva lá dentro. Mal subira dois ou três degraus e um tiro atingiu-o bem no meio das costas. Vamos retroceder um pouco, na estória, para prosseguimento dos fatos.

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME.

BETO - (MONOLOGANDO PARA SI MESMO) Bem, acho que já vou subir estas escadas e já vou esperar lá dentro da igreja. Felizmente, agora, faltam só quinze minutos para as oito, ele não deve demorar.

OPERADOR OU CONTRA REGRA - TRES TIROS DE REVOLVER A POUCA DISTÂNCIA.

BETO - (AO PRIMEIRO TIRO) (GEMIDO FORTE DE DOR) Ahhhhh!... Ah, canalha!,,, Fôste tu?!... Af tens o trôco!...

OPERADOR - OU CONTRA REGRA - OUTRO REVOLVER - TRES OU QUATRO TIROS PERTO
ALARIDO DE GENTE E EMPLOÇÃO MUSICAL forte. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

VOZ MASC. - Mataram um homem, vejam!....

VOZ FEM. - Dois. O outro lá também está caído!...

VOZ MASC. - A polícia. Chama depressa a polícia!...

VOZ FEM. - Chama o Padre. Este aqui ainda está com vida!...

VOZ MASC. - Vamos, vamos... não fiquem aí parados, olhando. Façam alguma coisa. Há um homem agonizante. Chama o Padre lá dentro da Igreja, depressa.

VOZ FEM. - Enquanto o Padre não vem, vamos nós rezar a oração dos agonizantes.

VOZ MASC. - Não vai ser possível. A polícia já vem aí.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Que houve que Márcia está lá no quarto, chorando como uma louca e não consegue responder a nada que se pergunta? Eu até lhe dei um ~~almoço~~ para ver se ela melhora.

HELOISA - O que houve foi, realmente horrível, Nadinho. Ela tem razão de estar super-nervosa.

NADINHO - Mas que aconteceu, afinal, Heloisa? Vamos, fale. Eu quero fatos e não comentários vazios que não elucidam nada.

HELOISA - Imagine você que nós fomos chegando na Igreja de São Sebastião, para o casamento e quando o carro está fazendo a volta para nos deixar na mão, ouvimos tiros. Foram dois ou três disparos de um lado e dois ou três disparos de outro. Ewaldô, imediatamente, acelerou o carro e passou da Igreja, indo parar só duas quadras depois, onde nos botou num táxi, de volta para casa, pois tínhamos visto que o homem que caiu nas escadas da Igreja era Beto. Ele foi lá, ver de perto os acontecimentos e a qualquer momento deve vir aqui para nos informar.

NADINHO - Então mataram Beto? Você tem certeza que era ele o homem que vocês viram cair na frente da Igreja?

HELOISA - Certeza absoluta. Tanto mais que ninguém pode vê-lo de perto, apesar de termos passado com relativa velocidade. Ele estava caído nos dois primeiros degraus e escorria-lhe de boca uma quantidade grande de sangue.

NADINHO - E Márcia percebeu logo que era ele, ou foi você quem disse?

HELOISA - Não, Márcia não percebeu no primeiro momento, mas quando passamos e não paramos ela se voltou e pelo vidro de trás avistou Beto caído. Gritou o meu nome, o nome dele a seguir e imediatamente desatou numa crise de choro que não havia o que a fizesse parar. Trouxemo-lo para casa e agora estamos a esperar que que Ewaldô chegue para nos dizer mais alguma coisa, além do que vimos.

NADINHO - E o camarada que atirou nele? Você não sabe quem foi? Não viu a cara dele, por acaso?

- HELOISA - Não, porque ele estava caído também, mas um pouco mais distante e do lado contrário ao meu. Ewaldo viu. Disse que era um homem mais ou menos corpulento e que lhe pareceu meio velhote.
- NADINHO - Você não sabe se Reginaldo está em casa? Eu precisava falar com ele, andei à sua procura mas não o achei em parte alguma.
- HELOISA - Reginaldo, de vez em quando, faz destas. Dá uma de desaparecido.
- NADINHO - Mas exatamente hoje, com papai doente, com o casamento de Márcia... Quem sabe ele foi à Igreja, espiar o casamento?
- HELOISA - Si ele estava sabendo, o que para mim é surpresa, eu não duvido que tivesse ido espiar.
- NADINHO - Pois é, Heloisa e isto está me preocupando; você sabe?
- HELOISA - Por que, Nadinho? Não vejo nenhuma razão de você se preocupar por ele ter ido à Igreja.
- NADINHO - Por ter ido à Igreja, não. Mas pelo que ele possa ter ido fazer lá.
- HELOISA - Nadinho, será que... meu Deus, você acha que poderia ser ele o que fez os disparos contra Beto?
- NADINHO - Não duvido nada. Sou até capaz de jurar que foi ele.
- OPERADOR - ACORDE DE SUSTO GRANDE. A MUSICA FICA VIBRANDO EM BG.
- HELOISA - Nadinho de Deus!... E como é que ele saberia que era hoje o casamento, se não se disse a ninguém?
- NADINHO - Ele poderia ter sabido, da mesma maneira que eu. Ou melhor, eu é que disse a ele. Vou botar logo as cartas na mesa. Diana, souba, lá por gente do grupo, me avisou e eu, indeciso, sem saber si dizia a papai ou não, consultei Reginaldo. No princípio achamos que não se deveria dizer a ele, mas depois receamos que ele pudesse ficar revoltado contra nós e eu disse.
- HELOISA - Foi quando ele teve aquele treco?
- NADINHO - Exato. Nunca me arrependi tanto, mas já estava feito, não podia voltar atrás.
- HELOISA - Que coisa! Tu me matando para fazer segredo absoluto em torno do negócio e todo o mundo sabendo.
- NADINHO - Acho que só mamãe estava voando. Assim mesmo hoje de manhã cedo

fui obrigado a dizer-lhe. Ele procurou Márcia pela casa toda, não encontrou, ficou nervosíssimo e eu resolvi dizer-lhe para evitar que ele depois se queixasse. Ficou afobadíssimo, coitado.

HELOISA - Pois é, mas quem está afobadíssimo, agora, sou eu, com a demora de Reginaldo. Si ao menos Ewald chegou, a gente poderia perguntar alguma coisa para se ter certeza. Sim, porque se foi ele, nós precisaremos procurar dar-lhe ajuda.

NADINHO - Nós, não. Qualquer ajuda que tentemos dar a quem quer que seja, neste caso, pode nos complicar com a polícia.

HELOISA - E vamos deixar Reginaldo abandonado à própria sorte, Nadinho? Não podemos. É uma ingratidão sem tamanho.

NADINHO - Acho que poderemos contratar um advogado para defendê-lo; isto sim. A gente mesmo se meter, vai dar galho.

HELOISA - Pois olha, Nadinho, eu vou dizer uma coisa a você. Aconteça o que me acontecer, eu não vou deixar de procurar Reginaldo e dar-lhe todo o meu apoio. Não podemos deixá-lo sozinho num momento destes, de maneira nenhuma.

NADINHO - Bem, isto se foi ele realmente quem atirou em Beto. Nós não sabemos nada ao certo, por enquanto; estamos, apenas, fazendo suposições. Vamos aguardar para saber.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - (CHOROSA) A senhora queria alguma coisa, dona Eugênia?

EUGÊNIA - Seu pai está reclamando a sua presença lá no quarto. Eu já disse a ele que você está deitada, com muita dor de cabeça, mas ele não está acreditando. Acha que você não está em casa e não vai voltar.

MÁRCIA - Meu Deus, será que ele desconfiou de alguma coisa? Mas a senhora precisava dizer a ele que eu voltei.

EUGÊNIA - Eu já disse isto, três ou quatro vezes, mas a todo o momento ele está pedindo confirmação.

MÁRCIA - Eu poderia ir lá, talvez, mas tenho receio que ele olhe para a minha cara e veja o quanto eu chorei.

EUGÊNIA - Ah, isso ele vai perceber em seguida. Talvez si eu escurecesse o quarto...

- MÁRCIA - Quem sabe a senhora fez isto? Mas assim mesmo eu tenho muito medo de não me conter na frente dele. Foi uma coisa horrível, dona Eugênia! A senhora não pode imaginar como foi horrível!...
- EUGÊNIA - Imagino, sim, Márcia. Ver cair morto o homem com quem se vai casar, embora não se goste dele... deve ser bem desagradável.
- MÁRCIA - Foi horrível para mim pela sensação de culpa que no momento me assaltou. Eu tinha a impressão de que ele havia caído por minha causa; entende?
- EUGÊNIA - É, mas isso não tem razão de ser. Quem tirou nele, com certeza, deve ter sido um dos seus desafetos ou quem sabe lá uma a quem ele devesse casamento, o que ainda é mais provável.
- MÁRCIA - (ASSUSTADA) A senhora não está desconfiando de Diana, não é?
- EUGÊNIA - Não, não, absolutamente. Mas o que ele fez à Diana, deve ter feito a uma dezena de moças. Uma delas talvez tivesse escolhido o dia de hoje para vingar-se. Não lhe parece?
- MÁRCIA - Bem, é. Podia, sim. A gente nunca sabe o que é que pode acontecer.
- EUGÊNIA - Não sabe, mesmo. Quando é que você imaginou que hoje ficaria livre de um homem que a obrigava a casar-se com ele, aproveitando-se de uma situação?
- MÁRCIA - De fato, nunca imaginei isto, mas juro-lhe que não desejava que o matassem. Que ele desistisse, que fosse prêso, obrigado a fugir... qualquer coisa, menos o que aconteceu.
- EUGÊNIA - Márcia, Deus sabe o que faz. Talvez com a morte desse rapaz venha a libertação para todos nós.
- MÁRCIA - Deus permita. (TRANSIÇÃO, RÁPIDA) Meu Deus! Como é que eu fui esquecer?!... Dona Eugênia, ele deixou uma carta comigo, confessando a inocência de Fernando. Fernando vai poder voltar. Vai poder provar a sua inocência! Eu tenho que escrever a ele, imediatamente. A senhora não sabe se Heloisa está em casa? Ah! É que tem a carta, eu pedi para ele guardar.
- EUGÊNIA - Heloisa está em casa, sim. Ficou lá com seu pai, enquanto eu vim procurá-lo a pedido dele. Você acha que já poderá ir vê-lo?
- MÁRCIA - Poder eu posso, dona Eugênia. Só tenho receio que ele perceba que eu chorei e me pergunte o motivo. Que irei dizer?

EUGÊNIA - Você espera um pouco que eu vou na frente e cerro as janelas, sob a alegação de que a claridade está me ferindo os olhos. Não acredito que, na penumbra, seu pai vá notar que você está com os olhos inchados. (TOM) Bote um batomzinho nos lábios, um poquinho de pó de arroz, uma sombra nos olhos e passe um pente nos cabelos. Feito isto, pode se apresentar sem medo.

MÁRCIA - Sim senhora, obrigada. Eu vou em seguida.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Seu Nadinho eu vim procurar o sinhô praquê eu tô atrapalhada com o cusco em procissão. Pensei, pensei, pensei muito pra quem é que eu ia pedi um consêio e me lembrei do sinhô. O sinhô pode meuvi eu, durante uns déiz ou quinze minuto?

NADINHO - Claro que posso, Doquinha. Diz o que tu queres.

DOQUINHA - Pois seu Nadinho, eu tô num mato sem cachorro. O seu Beto deixou dentro dum cofro, escondido, um bolão de dinheiro. Hoje de manhã matou êle, o sinhô sabe, num sabe? Os rádio tudo já deu.

NADINHO - Sei. Só não sei quem matou. Tu dizes que os rádios deram a notícia? Não me lembrei de ouvir.

DOQUINHA - Déro. Mas a pessoa que matô êle, eu pensei que era outra, os rádio déro um nome deferente, eu já num sei mais nada. Mas o caso num é êsse. O caso é que só eu é que sei adonde que o dinheiro tá escondido, praquê inspiei êle, de noite, mexê no cofro. Agora si êle morreu e o outro que eu pensei que tinha matado êle *praquê num me abarceu inte agora,* morreu também, eu num sei o que é que vou fazê com aquele dinheiro todo. Por isso que eu quiria priguntá o consêio do sinhô. ^O que é que eu faço?

NADINHO - Doquinha, si tu queres te livrar de complicações, vai à polícia e conta tudo que tu sabes. Mas tudo mesmo. Não esconde coisa nenhuma que é para não pagares, depois, a multa roubada. E presta bem atenção como é que tu fazes as tuas declarações porque êles te perguntam vinte vezes as mesmas coisas e *as vinte vezes deres* *respondu da mesma maneira; contende te bem.*

~~.....~~

~~.....~~

~~.....~~

DOQUINHA - Intindi, seu Nadinho, intindi.

NADINHO - Agora uma coisa eu vou te pedir: não envolve o meu nome em nenhuma das tuas declarações porque eu já estou envolvido que chegue a qualquer uma coisa e mais pode me complicar seriamente.

DOQUINHA - Num tem pirigo, seu Nadinho, pode deixá. Nós sempre fumo bôos camaradinho, eu num vô xujá o sinhô na pulcica, não, pode ficar descansado.

NADINHO - Então faz o que eu te aconselhei. Vai daqui diretamente para a polícia, conta tudo que tu sabes, mostra o lugar onde o cofre está escondido e não te preocupes porque não pode te acontecer nada de mal.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - ... e tudo aconteceu exatamente assim como eu estou relatando a você, Fernando. Ela ia se entregar ao Beto para livrar Nadinho da prisão e papai de um desgosto que talvez lhe custasse a vida. Mas Deus se apiedou da coitada e na última hora aconteceu tudo isto que você já sabe.

FERNANDO - Então era isto... Bem que o meu coração me dizia que alguma coisa muito trágica estava para acontecer com Márcia. Ela ainda não sabe que eu estou aqui, não é?

HELOISA - Não, não sabe. Eu e Nadinho estivemos conversando a respeito disto e chegamos à conclusão que seria melhor esperarmos o resultado final dos acontecimentos de hoje, para depois dar-lhe a notícia de sua vinda inesperada.

FERNANDO - Eu vi quando ele saiu de manhã muito cedo com você e mais um rapaz que calculei ser o seu noivo, em vista de terem saído de um braço dado. Vi, depois quando voltaram e ela me pareceu que chorava. Fiquei numa aflicção horrível. Esperei que Reginaldo viesse me trazer café para saber dele o que tinha havido, mas Reginaldo não me apareceu...

HELOISA - Meu Deus, você ainda está em jejum? Coitado! Quasi tres horas de tarde... Eu vou buscar alguma coisa para você comer. Desculpe, Fernando, mas foram tantas as confusões no dia de hoje...

FERNANDO - Não tem importância, não. Ficou só um resto de café na garrafa térmica eu tomei de manhã e para falar a verdade nem senti fome. A única coisa que estou mesmo ansioso é para abraçar Márcia e acertar contas com ela, por não ter confiado em mim.

HELOISA - Não, Fernando, não faça isto. Coitada! Chega o que ela tem sofrido nesses últimos dias. Não vá brigar com ela. Veja a intenção com que as coisas foram feitas, para aceitá-las e perdoar.

FERNANDO - Não, não vou brigar, fique tranquila. Estou aflitíssimo para vê-la e combinar com ela o que será melhor para mim fazer, diante de tudo que aconteceu.

HELOISA - Vamos esperar a Zero Hora de hoje à tarde para saber direito tudo que aconteceu e depois estudar o que será melhor para você.

FERNANDO - Será que os jornais não vão citar o nome dela e o de você? Vocês precisam estar preparadas para isto. Os repórteres são muito furões. Podem ter descoberto e já sabe como é... Para eles é um pratinho e tanto.

HELOISA - Eu estava preocupadíssima por causa disto, mas Ewaldo tem muito boas relações em todos os jornais e foi um por um. Falou com os diretores, diretamente, explicou que o pai está passando muito mal e acabou comovendo a turma. Telefonou garantindo-me que os nossos nomes não sairão.

FERNANDO - Menos mal. Para vocês seria muito e muito desagradável.

HELOISA - Bem, Fernando, eu vou providenciar num lanche para você e assim que tenhamos recebido o jornal, eu virei trazê-lo para você se inteirar melhor dos fatos. E até à noite eu creio que Márcia já estará refeita e poderemos dizer a ela que você está aqui. Ela virá correndo ao seu encontro.

FERNANDO - É só o que desejo, Heloisa. Nada mais. Nada mais!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Como é que o senhor se sente, papai? Está me parecendo mais animado... com melhor côr...

HERMES - Estou melhor, realmente, minha filha e estaria muito bem, se Reginaldo já tivesse nos aparecido.

MÁRCIA - Pois é, papai, eu também estou um pouco aflita... Ele saiu de manhã, não veio servir o almoço e até agora não apareceu.

HERMES - Eu tinha pedido a ele para me fazer uma compra, de manhã, mas já era tempo de estar de volta. Sabe o que você faz, minha filha? Fale com sua irmã e peça a ela que vá procurar Reginaldo. Não podemos ficar de braços cruzados. Pode ter acontecido qualquer coisa com ele e é preciso saber. Ela que vá primeiro na polícia. Se não conseguir nenhuma informação lá, chegue, então, ao pronto socorro que ele pode muito bem ter sofrido um acidente de trânsito.

MÁRCIA - É, sim, papai. Eu vou pedir à Heloisa para averiguar isto. E tomara que não tenha acontecido nada a ele, coitado. Ele é tão bom, tão nosso amigo, é como se fosse uma pessoa da família. Tome parte em tudo que nos acontece, rindo e sofrendo conosco.

HERMES - É isto, sim, minha filha. Disseste muito bem agora. Rindo e sofrendo conosco. Vá falar logo com Heloisa, vá. Ela que trate de saber de uma vez se aconteceu alguma coisa e venha em seguida me dizer. Mas olhe: que não me escondam nada, está ouvindo?

MÁRCIA - Pode deixar, papai. Eu vou falar com Heloisa e volto já.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

HERMES - Será que aquele velho tonto se deixou prender? Eu disse a ele: esconde-te na escada que vai para o coro e quando ele entrar, estira logo e deixa o revólver ali mesmo. Na confusão que naturalmente se dará, sobe para o coro e fica lá. Quando tudo calmar, sai e vem embora. Que terá acontecido para ele ficar até a esta hora sem dar qualquer notícia?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Quer dizer que ele agora já está bem melhor?

EUGÊNIA - Felizmente. Mas deu-nos um susto tremendo. Eu cheguei a pensar que desta vez o perdia.

LINDAURA - Pois o Reginaldo esteve nos contando mais ou menos. Disse que tudo foi de repente e sem nenhuma razão, pelo menos que se saiba, não é?

- EUGÊNIA - Exato. O Madrinho entrou no quarto para falar com ele e já o encontrou atropalhado. Gritou logo por nós e foi aquele Deus nos acuda.
- DINAH - Imagine se Madrinho não tem ido ao quarto. Ele era capaz de morrer sem que ninguém ficasse vendo.
- EUGÊNIA - Ah, era. Por isso é que eu sempre digo que Deus ajuda a gente nas ocasiões difíceis.
- LINDAURA - Por falar em ocasiões difíceis, você ouviu no rádio o crime que aconteceu esta manhã na frente da Igreja de São Sebastião?
- EUGÊNIA - Pois ouvi falar. Estou esperando os jornais da tarde para saber pormenores.
- DINAH - Ouvi dizer que foi um rapaz que ia se casar e que o pai de uma outra moça a quem ele tinha feito mal esperou-o na frente da igreja e ali mesmo o alvejou.
- LINDAURA - Mas parece que ele também atirou e feriu ou matou o outro, não sei.
- DINAH - Imagine a coitada da moça que ia casar, como não deve estar desesperada, numa hora destas, não é mesmo?
- EUGÊNIA - Ah, sem dúvida.
- DINAH - Mas também não é para menos. Perder o marido quasi na hora de se tornar mulher dele... Eu nem sei o que era capaz de fazer. Acho que ficava louca.
- EUGÊNIA - É possível.
- LINDAURA - Bem, Dinah, vamos andando que já fizemos nossa visita e Eugênia deve estar aflito para voltar para junto do marido. Dê um abraço a ele que eu mandei, com os melhores votos pelo seu pronto restabelecimento. Diga-lhe que assim que puder receber visitas, eu virei passar uma tarde com ele.
- ~~EUGÊNIA~~
DINAH - Eu também. Gosto muito do seu marido, Eugênia. Achoo um homem formidável. Acho que você não vai ficar com ciúmes de eu lhe dizer isto; não é?
- EUGÊNIA - Que esperança. Ciúme por que? Fico-lhe, até muito obrigada, por ver que aprecia tanto o meu marido.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Eu estou desesperada com a ausência de Reginaldo, Heloisa e não posso conceber que vocês estejam todos tão calmos. Não ser papai, parece que ninguém mais está se preocupando com ele, aqui. Ninguém fez nada... ninguém tomou uma providência...

HELOISA - Não, Márcia, não é assim. Tanto estamos nos preocupando que há pouco eu falei à mãe que estava querendo ir à polícia saber se houve alguma coisa com ele.

MÁRCIA - Ele pode ter sofrido um acidente de trânsito. Pode ter sido atropelado. Isso é tão comum com as pessoas mais velhas...

HELOISA - Não foi. Acalme-se que não foi. Acidente ele não sofreu.

MÁRCIA - Como é que você pode dizer isto com tanta certeza? Você foi ao trânsito para indagar?

HELOISA - Não, não fui ao trânsito, mas telefonei para lá não faz uma hora. O senhor me pediu que telefonasse daí a quinze minutos que ele me daria a relação de todas as pessoas atropeladas até àquela hora. Eu fiz o que ele me pediu e ouvi os nomes de todos. Foram cinco identificados e um sem identificação, mas esse um não era ele porque era preto e moço.

MÁRCIA - E a polícia? Ele pode ter se envolvido em uma briga, (SIGNIFICATIVA) ou quem sabe, até, em coisa pior.

HELOISA - A polícia se recusou a dar informações pelo telefone. Só a gente indo lá e como eu não quero ir sózinha, estou esperando o Eivaldo para me acompanhar. Daqui a pouco ele deve chegar e nós vamos até lá.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA EM 3º PLANO

HELOISA - Olhe, deve ser ele. Você quer fazer o favor de atender para mim? Eu estou muito despeteada.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA SE AFASTANDO PARA SEGUNDO PLANO

HELOISA - (PROJETANDO) Se for ele, manda esperar na saleta que eu vou em seguida.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE COM CHAVE EM 2º PLANO

MÁRCIA - (MIXTO DE SUSTO E SURPREZA) Meu Deus!... (GRITO ESTÉRICO, INDEFINÍVEL. TANTO PODE SER DE SUSTO, COMO DE ALEGRIA NERVOSA) Heloisa!

HELOISA!...

C/REGRA - TRAMBOIÃO DE CORPO QUE CAI.

OPERAÇÃO DE CORTINA DE FIM DO CENÁRIO EXPLOÇÃO MUSICAL E ENGANHAMENTO.

NOVELA DE ERIGO GRAMER

62º CAPÍTULO (último)

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

10.^^.
20^^
LOCUTOR - Ao terminar o sexagésimo primeiro capítulo desta novela, deixa nos Márcia e Heloisa conversando sobre Reginaldo que saíra de casa de manhã e até àquela hora, quasi cinco de tarde, ainda não voltara. ~~XXXXXXXXXX~~ Alertados por Hermes - que passara ao velho empregado a incumbência de impedir, a qualquer preço, o casamento de Márcia com Beto - os demais começaram a procurar Reginaldo. Heloisa telefonara para o trânsito e estava à espera de que seu noivo chegasse para ir à polícia à procura de qualquer informação. E a conversa entre as duas foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, CAI E DESAPARECE.

MÁRCIA - Ele pode ter se envolvido numa briga, (SIGNIFICATIVAMENTE) ou quem sabe, até, em coisa pior.

HELOISA - A polícia se recusou a dar informações pelo telefone. Só a gente indo lá e como eu não quero ir sósinha, estou esperando o Reginaldo para me acompanhar. Daqui a pouco ele deve chegar e nós vamos até lá.

C/REGIA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA EM 3º PLANO

HELOISA - Olhe, deve ser ele. Você quer fazer o favor de atender para mim? Eu estou muito despendeada.

C/REGIA - PASSOS DE MÁRCIA SE AFASTANDO PARA SEGUNDO PLANO.

HELOISA - (PROJETANDO) Se for ele, mande esperar na saleta que eu vou em seguida.

C/REGIA - PORTA QUE ABRE COM CHAVE EM SEGUNDO PLANO

MÁRCIA - (MISTO DE SUSTO E SURPREZA) Meu Deus!... (GRITO ESTÉRICO QUE TANTO PODE SER DE SUSTO COMO DE ALEGRIA NERVOSA) Heloisa!... Heloisa!...

C/REGIA - TRANBOLEIRO DE CORPO QUE CAI.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL EM CIMA DA CAIXA DO CORPO. A MÚSICA FICA
BRANDO NO AR.

FERNANDO - (AFLITÍSSIMO, QUASI GRITANDO) Márcia, Márcia, meu amor! Que é isto? Assustei-o, querida?

C/REGRA - PASSOS DE HELOISA VINDO CORRENDO

FERNANDO - Querida, sou eu, Fernando. Não se assuste.

HELOISA - (CHEGANDO) Que foi? Que aconteceu?

FERNANDO - Ele se assustou de mim, parece. Desmaiou. Feche a porta da rua, Heloisa. Eu vou colocá-la ali, naquele sofá.

C/REGRA - PASSOS. RUIDO DE FECHAR PORTA COM CHAVE. MAIS PASSOS.

FERNANDO - Queridinha, vamos, reaja. É o Fernando que está aqui. O seu Fernando.

HELOISA - Eu vou buscar um pouco de amoníaco para ela cheirar.

FERNANDO - Não é mais preciso. Ela já está voltando.

C/REGRA - TAPINHAS DELICADAS, CHAMANDO ALGUÉM A SI.

FERNANDO - Vamos, meu amor, reaja.

HELOISA - Você não devia ter vindo sem que ela estivesse preparada para recebê-lo. Vamos fazer isto à noite, logo depois do jantar. Eu e Nadinho. Queríamos evitar justamente isto que aconteceu.

FERNANDO - Desculpe, Heloisa, desculpe. Eu sei que procedi mal, mas eu já não aguentava mais a reclusão naquele quarto, sem nada que me pudesse distrair o pensamento. Só imaginando coisas. Uma mais terrível do que a outra... houve um momento que fraquejei e tomei esta decisão. Nunca imaginei que fosse justamente ela quem me abrisse a porta. Sabia que estava na cabeceira do pai...

HELOISA - Pois é, mas pela sua afobação, tomamos os três um susto que não precisávamos ter tomado.

FERNANDO - (TERNO) Meu amor, como é que está? (FIUSA) Está me ouvindo, queridinha? (TOM) Já está abrindo os olhos.

HELOISA - Vou buscar-lhe um cafésinho bem forte que faz bem.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM.

FERNANDO - Queridinha... meu amor... fale. Diga alguma coisa. Eu quero ou vir você dizer que está melhor. Vamos, fale.

MÁRCIA - (FRENTE) - Histou... melhor... sim...

FERNANDO - Que foi que aconteceu? Você se assustou com a minha presença?

MÁRCIA - Foi... assustei-me... Quando é... que eu podia... imaginar...

FERNANDO - Eu não aguentava mais de saudades de você, meu amor. Preferi vir enfrentar novamente a prisão e poder receber a sua visita semanal e ficar lá longe, em liberdade, sim, entre amigos também - que aquela gente é boa - mas longe de você que é uma morte bem pior para mim.

MÁRCIA - Não, querido, você não vai voltar para a cadeia, eu tenho a prova da sua inocência... consigo.

FERNANDO - A prova? Que prova? Não posso afirmar que prova possa ser...

MÁRCIA - Você não sabe... de muita coisa... que agora, aos poucos... vai ficar sabendo. Eu preciso... de tempo... para lhe contar.

FERNANDO - Eu já sei de tudo, Márcia. Nadinho me contou, ontem à noite, logo depois que eu cheguei. Não, não, isto é enganado. Ontem à noite, não. Eu não teria deixado você sair para casar. Foi Heloisa, não foi Nadinho. Foi Heloisa que me contou tudo, hoje, depois que vocês voltaram da Igreja. Eu estou tão tonto com tudo isto, que estou trocando as coisas. Foi Heloisa, sim, hoje de manhã.

MÁRCIA - Pois eu... antes de casar... exigí que ele me desse uma carta... onde declarasse... que você estava inocente.

FERNANDO - E ele deu?

MÁRCIA - Deu. Está com Heloisa. Eu entreguei a ela, para que mandasse... em mão... para você.

FERNANDO - Então, meu amor, eu cheguei exatamente na hora. Parece que tudo foi disposto por Deus para que as coisas voltassem aos seus devidos lugares.

G/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM. SÃO DE HELOISA.

HELOISA - Pronto o cafésinho. Ela vai tomar e vai se sentir outra.

FERNANDO - Ele já está bem melhor, felizmente. Não está meu bem?

MÁRCIA - Estou, sim. Parece que agora é que eu comecei a acreditar que tudo isto é verdade.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Mãe, a senhora falou para o papai sobre a presença do Fernando em nossa casa?

EUGÊNIA - Falei. Ele não mostrou nenhuma contrariedade com isto; pelo contrário. Disse que ficava satisfeito porque sabia que a presença dele ia ser um bálsamo muito grande para o coração de Márcia.

MÁRCIA - Que bom! Agora só me falta uma coisa para que eu possa me sentir realmente feliz; é a presença de Reginaldo. Enquanto ele não aparecer ou não se tiver notícias dele, eu estarei intranquila.

NADINHO - Eu e Fernando não podemos sair, não já teríamos resolvido essa incôgnita, mas Heloisa foi lá na polícia com Ewald e deve nos trazer qualquer informação a respeito.

FERNANDO - Eu amanhã mesmo vou procurar um advogado e depois me apresentar com ele à justiça, levando a carta assinada pelo Chefe. Se tiver acontecido alguma coisa ao Reginaldo, o mesmo advogado poderá tratar dos dois casos; não acham?

EUGÊNIA - Claro, eu acho que sim; agora, eu tenho a impressão de que a qualquer momento o Reginaldo vai aparecer, dando-nos a explicação de sua ausência. Ele tinha ido à Igreja, onde tudo aconteceu, quem sabe se não foi intimado a servir de testemunha?

FERNANDO - É, isso pode ser. Se ele estava lá e viu o que aconteceu, até talvez tivesse ido depois espontaneamente.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA EM 3º PLANO

EUGÊNIA - Vá ver quem é, Nadinho. Talvez seja sua irmã, de volta da polícia.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO AFASTANDO-SE.

MÁRCIA - Não deve ser Heloisa, não. Ela não bateria. Tem a chave da porta.

EUGÊNIA - É, não me lembrei disto. Então talvez alguma visita para o seu pai. Se for, um de nós terá que receber, porque seu pai está dormindo.

C/REGRA - PASSOS DE DUAS PESSOAS SE APROXIMANDO.

DIANA - Boa para todos.

TODOS - (RESPONDEM)

DIANA - Como vai, Fernando?

FERNANDO - Muito bem, felizmente. Não está admirado de me ver aqui?

DIANA - Não, porque Madinho já me preveniu, de chegada. Mas sabem, trago uma notícia muito desagradável para todos.

EUGÊNIA - A respeito de Reginaldo?

DIANA - Exato. A respeito de Reginaldo.

MÁRCIA - (AFLITA) Foi atropelado? Está no Hospital?

DIANA - Não. Está preso, acusado do assassinato desta manhã.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

MÁRCIA - (DESESPERADA, CHORANDO) Não é possível!... Não é possível que tenha sido ele! Não pode ser... não pode ser!...

FERNANDO - Vamos, Márcia, não se desespere. Como é que você soube de tudo isto? (DIRIGINDO-SE A DIANA)

DIANA - O jornal relate os fatos pormenorizadamente.

EUGÊNIA - Você trouxe o jornal? Empréstimo, por favor.

DIANA - Pois a senhora sabe que eu trazia o jornal e na hora de pagar o táxi deixei-o sobre o banco? Estou louca de pena.

MADINHO - Mas o que dizia o jornal? Conte-nos, pelo menos.

DIANA - O jornal diz o seguinte: Que Beto havia se dirigido à Igreja, hoje cedo, para casar-se. Como a noiva ainda não tivesse chegado, ficou esperando na calçada, junto à escadaria. Uns dez minutos antes da hora marcado para a cerimônia, foram ouvidos tres ou quatro tiros e logo os que estavam perto dele, viram quando Beto se virou, ferido e procurou a pessoa que o alvejara pelas costas. Ao supor que a havia encontrado, disse qualquer coisa e atirou, matando também um outro homem. Neste meio tempo, Reginaldo foi visto dentro da Igreja, atrás de uma coluna, junto à escada do coro, com um revólver na mão. Imediatamente foi apunhado e levado pela polícia, onde deveria estar prestando as declarações.

EUGÊNIA - Mas então, quando Heloisa chegar, vai nos trazer notícias exatas dele.

MADINHO - Será que ele atirou de dentro da Igreja? Acho meio difícil.

FERNANDO - Talvez tivesse atirado e se refugiado na Igreja depois.

EUGÊNIA - Bem, de qualquer maneira precisamos saber direitinho como tudo aconteceu, para podermos defendê-lo. Vamos esperar Heloisa.

MÁRCIA - (CHOROSA) Coitado do Reginaldo!... Tudo por amor de mim!

OPERADOR - CURTINA MUSICAL.

EUGÊNIA - Estávamos aflitíssimas por você, minha filha. Por que demorou tanto?

HELOISA - Porque Ewaldo mandou chamar um advogado, amigo dele, para tomar conta do caso de Reginaldo e estávamos esperando que ele chegasse lá, para fazer o que tinha que ser feito e podermos vir. Afinal, Ewaldo resolveu vir me trazer e voltou para lá.

NADINHO - Você falou no caso do Reginaldo, mas nós estamos sem saber o que aconteceu com ele. Diga logo o que sabe, Heloisa.

HELOISA - Foi o seguinte: houve um tiroteio, fora, entre duas pessoas, mas como ele foi encontrado dentro da Igreja, perto do côro, com um revólver na mão e duas balas detonadas, foi preso para averiguações. Ele disse que não atirou, mas que estava esperando o momento para fazê-lo, quando alguém atirou antes dele.

EUGÊNIA - Que bom! Pelo menos, assim, ele não será preso. Pode ser, mas será logo solto.

DIANA - E outro homem que foi morto, ninguém sabe quem era?

HELOISA - Quando nós íamos saindo, ia chegando na Delegacia aquele pretinho que era empregado do Beto e que, segundo dizem, conhecia o outro camarada. Naturalmente há de ir dizer ao Delegado. Amanhã os jornais já publicam.

EUGÊNIA - É bom dizerem à Márcia que já está comprovado que não foi Reginaldo que matou Beto, para que ela não permaneça tão aflita como está.

NADINHO - Se ele declarou que não foi, não resta dúvida de que não foi mesmo. Reginaldo não é homem de dizer uma coisa que não é exata.

FERNANDO - Não extraíram as balas dos cadáveres para comparar o calibre?

HELOISA - Extraíram, mas a perícia parece que só fica pronta amanhã.

EUGÊNIA - De qualquer maneira eu já estou tranquila. Se tivesse sido Reginaldo, ele seria o primeiro a dizer: fui eu.

FERNANDO - Dona Eugênia, desculpe, mas seria bom que a senhora levasse logo a notícia à Márcia para que ela se tranquilizasse. Estava tão aflita, tão nervosa, a pobresinha.

EUGENIA - Sim, sim, seu Fernando, eu vou em seguida. Com licença.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DELEGADO - Você pode reconhecer os homens?

DOQUINHA - Pude, sim, sinhô, seu Delegado. Um é o seu Beto, que ia se casar se e outro é o Chefe, que mandava em todos nós, mas que nunca apericiu lá. Cada vêiz que ele quiris falar com um, mandava chama lá no iscondirijo dele.

DELEGADO - E você sabe por que eles tiraram um no outro?

DOQUINHA - Ih, seu Delegado, eu vou dizê pro sinhô que tô mais por dentro desse negócio todo do que gema de ovo.

DELEGADO - Então fala, vamos. Desembure tudo que tu sabes.

DOQUINHA - Pois o seu Beto andava possuendo a perna no Chefe e o Chefe tava sabendo. Aí, no robo dum banco que teve aí, o sinhô se lembra? Pois naquele roubo o Beto entregô só a metade do dinheiro pro Chefe e iscondeu a outra metade pre êle, lá na casa adonde eu trabalhava. Mas eu num tava sabendo que eu num sabia nada dessas tramoiá que eles fazia. Eu era doméstica. Só doméstica, sabe? Aí o seu Beto quiz me butá eu na rua, praquê discunfiou que eu tava marcando êle e foi se queixá pro Chefe que eu num quiris mais fazê o serviço direito. Aí o chefe cusinhou êle no bafô, mandô me chama e disse que era pra eu cuidá de poute si êle mixia no dinheiro e arrepara bem adonde o dinheiro tava iscondido. E quer que outra coisa que eu sabbesse, que eu contasse pra êle. Aí eu cuidei, vi adonde era, adiscubri que êle ia se casa e ia fugi do chefe, fui lá e contei tudo dereitinho pre êle. Mas eu nunca pensei que o Chefe ia mataê êle. Hoje de minhô, foi aquele sangue ro que a gente viu na frente da Igreja. O Chefe atirou nele, êle se virô-se, tirô o revolve e atirô no Chefe. Eu vi tudo, seu delegado. Casadamente eu ia chegando pra inspiá o casamento e vi tudo. Então agora eu vim aqui pra avisá o sinhô que eu sei adonde que o dinheiro tá iscondido e posso mostrá pro sinhô.

DELEGADO - Está bem. Tu vais ficar aí até que possamos ir contigo lá para verificar o que estás dizendo. Depois nós te soltamos.

DOQUINHA - Tá, seu Delegado, o sinhô é que manda. Eu só vou querê depois um café que eu num jantoi, tá tão bôo?

DELEGADO - Não tem problema, eu vou te dar o café.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Eu pedi para ser o primeiro a conversar contigo, Reginaldo, porque desejava que, ao entrares nesta casa, a primeira palavra que ouvisses fosse a da nossa eterna gratidão pelo que te prontificaste a fazer em nosso benefício.

REGINALDO - Mas doutor Hermes, por favor, eu nada fiz. Não me deram tempo.

HERMES - Fizeste muito, ~~inimitável~~ inimitável. Tu te prontificaste a me substituir numa missão delicadíssima que muito poucas pessoas teriam capacidade para levar a termo. Tu aceitaste a incumbência e terias feito o que te pedi, se alguém não se tivesse antecipado. Para mim, foi como se tivesses realizado a tarefa, porque a tua enunciação valeu, sobretudo, para provar que a tua amizade por nós é tão grande e tão sincera, que não vacilaste em arriscar a tua liberdade para livrar minha filha de um cativo terrível. Isto merece a nossa gratidão perpétua e para prová-la quero que saibas que a partir deste instante deixaste de ser mordomo em nossa casa. Foste promovido a membro da família e meus filhos, d'oravante irão chamar-te de tio. Teu trabalho, daqui para diante, será o de meu secretário particular e amanhã já botarás no jornal um anúncio, pedindo um mordomo ou um governante para desempenhar as funções que eram tuas.

REGINALDO - (COMOVIDO) Doutor Hermes, por favor... o senhor me deixa até comovido com essa atitude... eu... francamente, eu... eu não sei o que dizer... eu não mereço isto...

HERMES - Cala-te, grande tolo. Tu não sabes bem o que vales. Mereces muito mais.

REGINALDO - De grande valia, para mim, foram as declarações da negrinha que trabalhava para o Beto. Ela que tirou todas as dúvidas, contando o que viu e o que sabia. Inclusive, ela deve receber a gratificação prometida pelo Banco porque indicou ao Delegado onde estava o dinheiro roubado, naquele dia, do seu gabinete no Banco.

HERMES - É mesmo, Reginaldo?!... Mas que boa notícia que tu me dás!...

- REGINALDO - Ela parece que ficou um pouco comprometida, por não ter feito a denúncia logo que descobriu o dinheiro, mas deve-se levar em conta a sua total ignorância das leis e que, graças a ela o dinheiro pode ser recuperado.
- HERMES - O Banco designará um advogado competente para defendê-la. Amanhã mesmo vamos tratar disto, Reginaldo. Vai ser a tua primeira incumbência como secretário particular da família.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- MÁRCIA - Ah, querido, que bom que você chegou. Eu não cabia mais em mim, de ansiedade. Não queria nem me lembrar que o conservassem preso, que a carta não fosse reconhecida como autêntica e que as declarações de Doquinho não fossem levadas em conta.
- FERNANDO - Mas foram. Foram e eu posso dizer a você que adiantaram muito mais do que tudo. Foi ela, praticamente, quem salvou Nadinho, Reginaldo e eu.
- MÁRCIA - E o dinheiro do Banco. Papai disse que ela vai receber a gratificação que o Banco prometeu. Imagine você: Vinte cinco milhões.
- FERNANDO - Vamos ter que orientá-la, para que ela não se deixe enganar por ninguém. Comprar uma casinha e empregar o resto para que lhe renda um dinheirinho mensal.
- MÁRCIA - O Banco mesmo pode se encarregar de administrar esse capitalzinho dela, para que ela não venha a perder tudo, no futuro.
- FERNANDO - Isto. Dê esse ideia a seu pai.
- MÁRCIA - Não, não, foi papai mesmo quem alyitrou esse ideia.
- FERNANDO - Bem, e agora que praticamente estamos livres de todas as muralhas que impediam a nossa felicidade, eu quero pedir uma coisa a você: que nos casemos o mais breve possível. Concorda?
- MÁRCIA - Claro que sim, mas antes você precisará conversar com papai, para obter a aquiescência dele. É uma delicadeza, entende?
- FERNANDO - Claro que entendo. E é justo, é direito, principalmente tratando-se de você que foi criada à maneira antiga. Quando posso falar com ele?
- MÁRCIA - Quando você quiser. Acho melhor deixar sentar a poeira dos acontecimentos no fundo, para depois você falar sobre isto.

FERNANDO - Perfeito. No fim da semana eu tratarei deste assunto com ele. E agora dê-me o seu braço e vamos apagar um pouco de sol no jardim. Sentir o sol em nós, já que até agora nós apenas o viamos brilhar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Pedi que vocês viessem as duas ao meu quarto para falar sobre um assunto que interessa a todos nós.

HELOISA - Eu mais ou menos já estou calculando o que possa ser.

MÁRCIA - Eu acho que não é muito difícil de imaginar, depois das conferências mantidas pelo senhor com o Ewald, Fernando e Nadinho.

HERMES - É exatamente o que vocês estão pensando. Os três me procuraram no mesmo dia, para acertarem as datas dos seus casamentos. Queriam que essas datas fossem marcadas por mim. Bem, primeiro pensei em fazer um casamento em cada dia. Vamos dizer... um na segunda-feira, por exemplo, um na terça e outro na quarta, mas depois, conversando com sua mãe...

HELOISA - Já sei. A mãe escolheu a cafoneice de casarmos os três juntos, no mesmo dia, na mesma igreja e na mesma hora; foi ou não foi?

HERMES - (RINDO) Foi. Foi exatamente essa a proposta de Eugênia. Nadinho concordou logo mas eu queria a opinião de vocês.

HELOISA - Não sei, papai, mas eu não sou muito disto, não. Ia fazer, antes, obrigada pelas circunstâncias.

HERMES - Pois continue obrigada. Pense que para nós será muito mais prático e o trabalho será um só. Já pensou na mesma coisa repetida de três dias seguidos?

MÁRCIA - É, acho que papai tem razão, sim. Que importa que seja uma coisa cafona, se não pretendemos convidar ninguém? Se pretendemos, segundo já conversamos, fazer tudo na maior intimidade e até quasi em sigilo? Casamos juntos, almoçamos ou jantamos todos juntos, conforme a hora e depois cada um toma o seu rumo, na viagem que escolher, já que estamos fazendo sabendo que o presente de papai vai ser uma viagem para cada um de nós. É verdade?

HERMES - É verdade, sim. Meu Secretário particular, o senhor Reginaldo, tio de vocês, já foi às agências de turismo recolher prospectos para que cada um escolha a viagem que desejar.

HELOISA - Ótimo! Mas e se os três se agradarem mais do mesmo roteiro?

MÁRCIA - (RINDO) Continua a cafonice. Seimos os tres casais juntos em lua de mel.

HERMES - Mas o melhor vocês não sabem. É que Eugênia e eu também vamos fazer uma viagem. Vai ser o presente que oferecerei a ela pelos nossos vinte quatro anos de casados.

MÁRCIA - Mas então por que não fazemos a cafonice completa e o senhor e Dona Eugênia não vão juntos conosco?

HERMES - Não, não, só é muita cafonice junta. Façam vocês a cafonice que eu e Eugênia ~~xxxxxx~~ buscaremos um outro roteiro, sózinhos os dois. (RIEM TODOS)

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - (ESTÉRICA) Que coisa emocionante, Eugênia!... Que coisa fabulosa!... Os três casamento no mesmo dia?! Mas então vai ser uma festança daquelas?!...

EUGÊNIA - Não. Eles não querem festa de espécie alguma. Não querem nada, nada, nada de nada. Nem um convidado, sequer.

DINAH - Só os padrinhos?

EUGÊNIA - Não, ne padrinhos, porque uns vão ser padrinhos dos outros, entende?

LINDAURA - Entendo, mas não estou de acordo. Acho que vocês não têm o direito de privar as pessoas amigas, como nós, de participarem de alegria e de felicidade de vocês. É muito egoismo.

DINAH - Ah, eu também acho o mesmo que a Lindaaura. É egoismo demais. Afinal a gente quer participar porque é amiga; não é mesmo?

EUGÊNIA - Eu acho que vocês estão com toda a razão, mas o casamento é delas, eles que determinaram que fôsse assim, nós não podemos fazer nada.

LINDAURA - Você pode, sim, Eugênia. Se você quiser, você pode. Pode nos dizer em que Igreja serão os casamentos para nós irmos espiar.

EUGÊNIA - Não vão casar na Igreja. Vai ser tudo em casa.

DINAH - E nós não poderíamos, no dia, por acaso, vir fazer uma visita a vocês? Eles não precisavam nem saber que você nos avisou.

LINDAURA - Querido. Olha que até que eu digo, Dinah, você teve uma ideia.

DINAH - Imagina!

EUGÊNIA - Bem, para que vocês não se queixem de mim, eu vou fazer uma pequena traição para os meus filhos e quando tudo estiver assentado, aviso a vocês para que apareçam de surpresa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Que tal estou, tio Reginaldo?

REGINALDO - Excelente. Acho que hoje, mais do que nunca, Diana vai se apaixonar por você.

NADINHO - Quem poderia imaginar, há alguns meses passados, que eu, o Nadinho, terror das garotas de família, haveria de me casar hoje com uma das vítimas das nossas levandades.

REGINALDO - É verdade. Quem haveria de imaginar. Mas eu acho que foi sabe o que? Um milagre do Céu. Tanto pedimos ao Pai que apontasse a vocês o caminho certo, que Ele acabou atendendo aos nossos pedidos!

OPERADOR - ~~ENCERRE~~ CORTINA MUSICAL BONITA E GRANDIOSA, FUNDE COM SINOS FESTIVOS - TORNA A FUNDIR COM MARCHA NUPCIAL - VOLTA SINOS PARA TERMINAR COM A CORTINA GRANDIOSA.

FIN.